

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARTES E *DESIGN* - FAMECOS
CURSO DE JORNALISMO

LUÍSA TAGLIAPIETRA GOMES

**AVALIAÇÃO DA PARTICIPAÇÃO DE MULHERES NA COBERTURA DA COPA
DO MUNDO DE 2022**

Porto Alegre
2023

GRADUAÇÃO



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

LUÍSA TAGLIAPIETRA GOMES

**PARTICIPAÇÃO DE MULHERES SUL-AMERICANAS NA COBERTURA DA
COPADO MUNDO DE 2022**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito para a
obtenção de grau de Bacharel em
Jornalismo da Faculdade de Comunicação
Social da Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul.

Orientador
Prof. Dr. Fábio Canatta

Porto Alegre
2023

LUÍSA TAGLIAPIETRA GOMES

**AVALIAÇÃO DA PARTICIPAÇÃO DE MULHERES NA COBERTURA DA
COPA DO MUNDO DE 2022**

Trabalho de pesquisa apresentado como requisito para a obtenção de grau de bacharel em Jornalismo da Faculdade de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovado em: _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Fábio Canatta — PUCRS

Prof^a. Dr^a. Camila Kieling — PUCRS

Prof^a. Dr^a. Cristiane Finger — PUCRS

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Liliane e Antonio, que sempre acreditaram em mim e nunca mediram esforços para garantir que eu tivesse uma ótima educação durante a minha vida escolar e acadêmica.

Aos meus professores que me acompanharam ao longo do curso, principalmente o meu orientador, Fabio Canatta, pelos ensinamentos, incentivos e correções que me permitiram apresentar um melhor desempenho durante a realização do meu TCC.

Sou grata também ao meu namorado, Rodrigo Medina, que nunca me recusou amor, apoio e incentivo durante os meus momentos de ansiedade e estresse.

À minha psicóloga, Janine, que fez eu acreditar no meu potencial. E por fim, agradeço aos meus amigos por todas as palavras motivacionais, minha eterna gratidão.

RESUMO

O tema desenvolvido nessa pesquisa é a participação de mulheres na cobertura da Copa do Mundo de 2022, que tem como objeto a ser analisado as transmissões desse campeonato realizadas pelas emissoras: Tv Globo (Brasil), Televisión Pública (Argentina) e Canal 10 (Uruguai). Para alcançar esse objetivo, esse estudo refletiu a emancipação feminina, com contribuições de Simone de Beauvoir (1970), a identificação da participação das jornalistas na cobertura esportiva do Brasil, Argentina e Uruguai, como também a análise da presença delas nas transmissões dos jogos. Tendo como base teórico-metodológica, a utilização das técnicas de pesquisa bibliográfica, documental e empírica. A bibliográfica sustenta os dois primeiros capítulos e a documental, que busca identificar a participação feminina na cobertura esportiva das emissoras a partir da análise das grades de programação e dos sites dos veículos, dividindo-se em etapas: a etapa de coleta de informações, de categorização e a de análise. Os resultados da pesquisa demonstram que a presença das mulheres nesses espaços não indica o fim do machismo, nem a vitória de uma luta, mas sim um indicativo de mudança, porém cada um dos três países, de formas distintas.

Palavras-chave: Copa do Mundo de 2022; emancipação feminina; cobertura esportiva; transmissões; mulheres; jornalismo.

ABSTRACT

The theme developed in this research is the evaluation of the participation of women in the coverage of the 2022 World Cup, whose object is to analyze the broadcast of this championship held by the networks: Tv Globo (Brazil), Televisión Pública (Argentina) and Canal 10 (Uruguay). To achieve this goal, this study considered the female emancipation, with contributions from Simone de Beauvoir (1970), the identification of the participation of journalists in sports coverage in Brazil, Argentina and Uruguay, as well as the analysis of their presence in broadcasted games. Having as a theoretical-methodological basis, the use of bibliographical, documental and empirical research techniques. The bibliography supports the first two chapters and the documental one, which seeks to identify the female participation in the sports coverage of the networks based on the analysis of the programming schedule and the websites of the vehicles, divided into stages: the stage of collecting information, categorization and analysis. The research results demonstrate that the presence of women in these spaces does not indicate the end of sexism, nor the victory of a struggle, but an indication of change, although each of the three countries, in different ways.

Keywords: 2022 World Cup; women emancipation; sports coverage; broadcast; women; journalism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Atual logotipo da TV Globo	47
Figura 2 – Logo usado pela TVP recentemente	48
Figura 3 – Logotipo utilizado pelo Canal 10 atualmente.....	49
Figura 4 – Categorização da participação de homens e mulheres na cobertura da Copa do Mundo 2022 - Brasil	54
Figura 5 – Categorização da participação de homens e mulheres na cobertura da Copa do Mundo 2022 - Argentina	56
Figura 6 – Categorização da participação de homens e mulheres na cobertura da Copa do Mundo 2022 - Uruguai	59

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Mulheres presentes nos programas esportivos na TV Globo.....	52
Quadro 2 - Narrador e comentaristas dos jogos da 1ª rodada da fase de grupos.....	53
Quadro 3 – Grupos e cobertura da Copa do Mundo de 2022	53
Quadro 4 – Mulheres presentes nos programas esportivos na Televisión Pública ...	55
Quadro 5 – Narrador e comentaristas dos jogos jogados pela Argentina	55
Quadro 6 – Grupos de cobertura da Copa do Mundo de 2022.....	55
Quadro 7 – Mulheres presentes nos programas esportivos no Canal 10.....	57
Quadro 8 – Narrador e comentarista dos jogos do Uruguai	58
Quadro 9 – Grupos de cobertura da Copa do Mundo de 2022.....	58

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	MULHERES NA SOCIEDADE	12
2.1	CONQUISTAS FEMININAS	13
2.2	O ESPORTE COMO EMANCIPAÇÃO SOCIAL FEMININA	17
2.3	MULHERES NO JORNALISMO	22
3	JORNALISMO E ESPORTE.....	28
3.1	GRANDES AUDIÊNCIAS	30
3.2	COBERTURA ESPORTIVA	33
3.3	MULHERES NA COBERTURA	38
4	ANÁLISE DAS COBERTURAS	45
4.1	EMISSORAS.....	45
4.1.1	TV Globo/Brasil	46
4.1.2	Televisión Pública/Argentina.....	47
4.1.3	Canal 10/Uruguai.....	49
4.2	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	50
4.3	TRANSMISSÕES.....	51
4.3.1	TV Globo/Brasil	52
4.3.2	Televisión Pública/Argentina.....	55
4.3.3	Canal 10/Uruguai.....	57
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
	REFERÊNCIAS.....	63

1 INTRODUÇÃO

Ao longo da história, o futebol foi construído e naturalizado como uma estrutura que dialoga com a percepção social da masculinidade, quase sempre compreendido como um espaço de força e virilidade. A figura feminina nesse espaço foi, por muito tempo, marcada por proibições, concessões, transgressões, lutas e conquistas. Ainda que hoje a presença das mulheres seja muito mais evidente, a gênese dessa evolução está associada ao preconceito e ao machismo, sedimentando o espaço das mulheres na prática esportiva, na cobertura de eventos voltados para o futebol e até mesmo no seu ingresso em profissões que ainda são caracterizadas como masculinas (JANUÁRIO, 2023).

No Brasil, o futebol caracteriza-se como o esporte com maior visibilidade no território nacional, e desde sua chegada, em 1894, serviu como forma de expressão, como elemento cultural, como condição de segregação ou como instrumento de poder, como explicam Januário, Lima e Leal (2020). O destaque dos autores se dá ao afastamento e à proibição da presença das mulheres nesses espaços, enfatizando que a construção do futebol enquanto um ambiente masculino está associado a um abismo histórico de preconceito e desinformação. A caracterização feminina como um ser frágil e incompatível com esse esporte acabou não apenas impedindo a prática, mas também proibindo que elas pudessem exercer profissões relacionadas ao futebol (COSTA, 2019).

Ainda assim, a eminência social e midiática do futebol feminino e a crescente participação de repórteres, apresentadoras, comentaristas e mesmo narradoras esportivas nesse espaço, indicam o crescimento e a expansão sociocultural das mulheres no futebol. Contudo, faz-se necessário destacar que, embora a presença feminina tenha sido ampliada, o futebol ainda é cenário de luta e tensão, longe da equidade de gênero que se gostaria. A trajetória das mulheres nesse espaço é permeada por interdições, invisibilidade, distorções e sub-representações, deixando marcas como a sexualização e erotização dos corpos femininos no discurso midiático esportivo, o ocultamento de suas conquistas nesse espaço, seu permanente posicionamento em lugares secundários, entre outras condições (LOURENÇO *et al.*, 2022).

A partir dessas considerações, debruçar-se sobre a atuação das mulheres nesse espaço é evidenciar o estado atual do processo de inserção feminino em um

ambiente historicamente masculinizado. Essa estrutura não é exclusivamente brasileira (BERNACHO, 2022; CRIBEIRO; ÁGUILA, 2023), repercutida na América Latina ao reduzir a participação das mulheres nos eventos esportivos em geral. Pensando nisso, o problema de pesquisa suscitado por esse estudo questiona: qual o espaço que as mulheres sul-americanas ocupam nas transmissões televisionadas de futebol?

Buscando responder a esse questionamento, esse trabalho tem como objeto a ser avaliado as transmissões da Copa do Mundo de 2022 em três diferentes países da América do Sul: Brasil, Argentina e Uruguai. Para alcançar esse propósito, esse estudo se desdobra em três objetivos específicos: (a) refletir sobre a emancipação feminina e o seu espaço no jornalismo esportivo; (b) identificar a participação feminina na cobertura esportiva do Brasil, Argentina e Uruguai; e (c) analisar a presença feminina nas transmissões dos jogos da Copa do Mundo de futebol pela televisão nestes países.

Para isso, essa pesquisa foi estruturada em cinco capítulos. O capítulo dois trata da presença da mulher na sociedade e sua relação com o esporte. A proposta do capítulo foi o aprofundamento de conceitos relacionados ao movimento feminista e ao ingresso das mulheres em profissões inicialmente voltadas aos homens. Adentrando a uma abordagem mais histórica dos temas, debruçou-se sobre as contribuições de Simone de Beauvoir (1970) para o movimento de emancipação das mulheres. Partindo desse olhar, a construção do capítulo estabeleceu a relação entre masculinização, construção social do papel da mulher, o esporte sob a ótica da discussão de gênero e a influência dessas questões do ingresso no mercado de trabalho e na atuação feminina no jornalismo.

O terceiro capítulo objetivou estabelecer a relação entre jornalismo e esporte, debruçando-se especificamente sobre o futebol, explorando o papel das grandes audiências no que tange ao público e às transmissões. O capítulo cria a relação entre o jornalismo como uma noção poética do futebol, explorando os principais aspectos da cobertura esportiva. Aborda, ainda, sua relação com o conceito de “engraçadismo” apresentado por Mariana Oselame (2012) e sua caracterização enquanto *infotainment*, ou um jornalismo de entretenimento, surgido da noção de que o ambiente do futebol é um espaço repleto de emoção que interfere na forma como a notícia é comunicada.

Assim, o capítulo quatro é composto pela análise empírica desenvolvida em torno das três emissoras selecionadas para o estudo. Sua construção aborda a metodologia, o objeto de pesquisa e o desenvolvimento da pesquisa. A metodologia envolve pesquisa bibliográfica e documental, que dão suporte aos dois primeiros capítulos. O objeto de estudo é formado pelas transmissões da Copa do Mundo de 2022 realizadas pelas emissoras: Tv Globo (Brasil), Televisión Pública (Argentina) e Canal 10 (Uruguai). A escolha dessas emissoras deveu-se ao papel pioneiro nas transmissões televisionadas em seus respectivos países.

A abordagem documental diz respeito à análise das transmissões disponibilizadas pelos países, buscando identificar a participação das mulheres na cobertura esportiva das emissoras a partir da análise das grades de programação e dos *sites* dos veículos. A pesquisa documental foi dividida em três etapas: a etapa de coleta de informações disponibilizadas nos *sites* oficiais e das transmissões disponibilizadas, a etapa de categorização e a etapa de análise. A etapa inicial se caracterizou pelo primeiro contato com os documentos (*sites* oficiais, grade de programação, transmissões realizadas pelas emissoras), a segunda etapa consistiu na categorização das funções desempenhadas nas transmissões, e a terceira etapa consistiu na avaliação dos dados levantados, buscando relacionar o conteúdo analisado com os conhecimentos teóricos já observados.

Por fim, o capítulo cinco consiste nas considerações finais do estudo, identificando as respostas para o objetivo proposto, as limitações desse estudo e as possibilidades de ampliação para estudos futuros.

2 MULHERES NA SOCIEDADE

A conquista dos direitos femininos foi um processo marcado por lutas constantes e pela organização de movimentos sociais em prol da dignidade e da cidadania plena das mulheres. Estes grupos investiram em debates políticos, sociais e econômicos do ponto de vista feminino, inserindo-se em espaços antes considerados masculinos. Por anos, o poder foi visto como uma extensão do homem, como um elemento de disciplina sobre aqueles que “fogem da norma”, como uma condição reguladora que opera no meio social e que caracteriza essa esfera a partir da diferenciação daquilo que pertence ao masculino daquilo que é exclusivamente do feminino (DELAJUSTINE, 2018).

É sob essa ótica que emergem os direitos das mulheres na tentativa de garantir que a democracia opere em nível de igualdade entre todos os cidadãos, adentrando a discussões feministas sobre o patriarcado, poder e naturalidade de domínio. O homem sempre teve seu espaço público enquanto elas eram confinadas a espaços privados, nos limites de seus lares sob uma estrutura de dominação. Política, esporte, indústria, nenhum desses ambientes foi pensado para o público feminino, elas passaram a se inserir neles com base em lutas por oportunidade, igualdade e emancipação feminina (GIBIM, 2019).

É urgente e necessário que se articulem debates sobre a temática, e que esses englobem questões como gênero, mercado de trabalho e igualdade, especialmente porque estes conceitos representam desafios diários na luta das mulheres pelo posicionamento na sociedade e pela busca de igualdade de direitos. Avanços que expressem a ampliação dessas discussões exigem confrontar os passos dados até aqui com a realidade que as mulheres experienciam, integrando a uma análise conjuntural frente ao avanço do conservadorismo e às mudanças da sociedade em termos de desenvolvimento de políticas públicas de igualdade de gênero (CASTRO, 2020).

A partir dessas considerações, essa seção busca evidenciar o papel do feminismo na emancipação das mulheres e sua crescente participação em espaços públicos. A abordagem aqui adotada trabalha o esporte como uma ferramenta de emancipação social, que permitiu que elas ingressassem e construíssem carreira em espaços até pouco tempo atrás quase que exclusivamente masculinos, mas que ainda são considerados ambientes de disputa.

2.1 CONQUISTAS FEMININAS

Mulheres, ainda que sejam maioria em quase todos os países, são minorizada em diversas questões. Elas são minorias em direitos, em acesso, em igualdade, e a luta pelos seus direitos tem percorrido um longo caminho em busca de reconhecimento e efetivação. O feminismo surge sob um prisma de ideias sobre liberdade e igualdade no século XIX, fomentado pelos ideais da Revolução Francesa que passaram a garantir aos homens direitos até então não imaginados. A partir destes conceitos, fendas sociais surgiram e questionamentos sobre o papel das mulheres e sua limitação enquanto indivíduo social encontraram terreno fértil para se desenvolverem (PINHEIRO, 2020; SIQUEIRA; BUSSINGUER, 2020).

“Escravidão, misoginia, exploração das classes subalternas, todas essas opressões ganharam contornos diferenciados a partir da nova óptica estabelecida [...]”, escrevem Siqueira e Bussinguer (2020, p. 146), especialmente porque se os direitos humanos pregam igualdade entre todos, mulheres, negros, pobres ou qualquer outra minoria, devem estar inclusas nessas mudanças sociais. A Revolução Industrial foi um marco para o movimento feminista, especialmente porque passaram a ser vistas como força de trabalho, embora não usufríssem de direitos iguais. Violência, opressão, preconceito e manutenção do papel da mulher como subserviente ao homem permaneceram presentes no cotidiano, justamente porque estavam fortemente enraizadas na cultura social (FERNANDEZ, 2019). Alguns autores sugerem que esse processo de luta é contínuo e que as conquistas femininas obtidas nas últimas décadas podem ser facilmente perdidas (BEAUVOIR, 1970; SIQUEIRA; BUSSINGUER, 2020).

O elemento central, que permite explorar as conquistas femininas ao longo de sua luta, reside no debate sobre gênero. Sua influência sobre o mercado de trabalho, direitos, economia e divisão de tarefas é importantíssima para compreender a segregação vertical e horizontal à qual as mulheres seguem sendo submetidas no âmbito laboral. Ainda que pesem garantias legais e mecanismos de fortalecimento da presença feminina em espaços antes caracterizados como exclusivamente masculinos, essas desigualdades persistem, fazendo mulheres lidarem com “teto de vidro” e “piso pegajoso”, duas metáforas muito usadas na economia feminista para destacar a persistente relutância de acesso a determinados

espaços por pessoas que não sejam do sexo masculino (XIU; GUNDERSON, 2014; FERNANDEZ, 2019).

Em um primeiro momento, cabe destacar que o feminismo pode ser observado a partir de três fases – ou ondas. A primeira teria ocorrido no século XIX, palco dos primeiros grandes movimentos na Europa e nos Estados Unidos. Sua pauta central era a busca das mulheres por direitos na tentativa de se igualarem aos homens em termos de educação e simetria de tarefas. As reivindicações se assentavam na mudança do paradigma do pensamento de que as mulheres eram diferentes e não usufruíam das mesmas opções em contextos educacionais, políticos e sociais, tendo esses direitos sido reservados apenas ao mundo masculino. O movimento sufragista auxiliou consideravelmente na visibilidade do feminismo, ainda que de modo negativo – visão essa que emerge da ideia de que a mulher não deve se sujeitar a ações públicas que possam gerar “violência”, seu lugar, mesmo no protesto por direitos, é de calma, tranquilidade e recato (SILVA; CARMO; RAMOS, 2021).

A segunda onda se deu na década de 1960, uma reação tardia ao que foi chamado de domesticidade feminina ao longo da Segunda Guerra Mundial, buscando igualdade e emancipação política. Na literatura, sugere-se que a segunda onda durou até meados da década de 1980, quando reivindicações tinham sido alcançadas apenas no papel, porque a realidade não refletia as conquistas dos movimentos feministas. É um período marcado pelas contribuições de Simone de Beauvoir, Carol Hanisch e Betty Friedan, cujo o intuito era estabelecer o gênero como discussão, mudar a visão da mulher como cuidadora da casa e destacar que as opressões vivenciadas nas próprias residências eram questões que deveriam ser tratadas pelo mundo político (CAMPOI, 2011).

A terceira onda feminista tem início na década de 1990, quando, ao fim da Guerra Fria, questões como igualdade de gênero, raça e genocídio se tornaram elementos recorrentes no debate, que deixou de ser majoritariamente branco e passou a abarcar outras vertentes, como o feminismo negro e indígena – embora esse segundo com muito menos força (MELO; THOMÉ, 2018). No Brasil, houve ampliação do status do feminismo brasileiro, intensificado a partir da redemocratização política, e que buscou desafiar paradigmas com mulheres que já ocupavam cargos anteriormente exclusivos aos homens. Houve uma liberdade ao pensamento, ao voto, ao engajamento político, à presença em espaços como o

legislativo, o judiciário e o executivo, assim como ampliação da presença feminina em profissões como motoristas, arquitetas, engenheiras – ocupações, obviamente, consideradas masculinas (SILVA; CARMO; RAMOS, 2021).

Sugere-se a existência de uma quarta onda, que não necessariamente foi acolhida pela academia, mas que pode ter começado em 2010. Estudos tradicionais não apresentam um consenso sobre sua existência, no entanto, as mídias digitais seriam as grandes precursoras de seu desenvolvimento. A quarta onda trataria do ciberativismo, onde a diversidade de feminismos apresenta o ingresso da interseccionalidade e da mobilização de diferentes coletivos em busca de discussões e movimentos mais fluídos, que englobem organizações tradicionais e reivindicações modernas sobre o papel da mulher na sociedade (SILVA; CARMO; RAMOS, 2021).

Castro (2020) destaca que a interseccionalidade, conceito surgido na chamada quarta onda, busca identificar as consequências estruturais e dinâmicas entre os eixos de subordinação, tratando especificamente de questões como racismo, patriarcalismo, opressão de classe e outros sistemas discriminatórios que refletem no debate sobre feminismo e espaço da mulher. “A chamada interseccionalidade pretende denunciar um montante de formas de opressão, trazendo a discussão sobre em que momento essas formas de opressão e submissão convergem [...]”, explicam Silva, Carmo e Ramos (2021, p. 114), cuja ideia é justamente buscar a liberdade integral, isto é, a libertação da mulher dos preconceitos que a cercam e que a impedem de ocupar espaços, especialmente quando eles são caracterizados como masculinos.

São estas ondas que ajudam a construir o cenário de lutas e conquistas femininas ao longo do tempo e que permitem compreender por que mulheres seguem em uma luta constante na preservação de seus direitos. Como coloca Simone de Beauvoir (1970), existe uma hierarquização dos sexos na forma como se interpreta o masculino e o feminino, que vai além da questão biológica e se consolida em um modelo de construção social totalmente patriarcal, que coloca o homem como o centro do poder e a mulher como a subserviência e a obediência. As discussões incorporadas por essa visão serviram como norte para que os direitos femininos se debruçassem sobre discussões como a igualdade de gênero no ambiente de trabalho, na sociedade, nos direitos reprodutivos, no acesso a espaços

de poder majoritariamente masculinos e na liberdade de sua existência como mulher (GARRONI; GUIMARÃES, 2021).

A princípio, os direitos se voltavam para a ideia do *happy work-family balance*, ou seja, a ideia de que as mulheres podem ter acesso ao mercado de trabalho contanto que consigam manter um equilíbrio entre cuidar da família e trabalhar (ROTTENBERG, 2018). É justamente por isso que o debate sobre o ingresso no mercado de trabalho também exige debruçar-se sobre a questão reprodutiva e sobre quais são os papéis de gênero na sociedade (MARINO, 2021). Os direitos femininos, especialmente no sentido do empoderamento, são uma construção lenta, que foi sendo trabalhada ao longo dos anos para entender quais eram (e são) as reivindicações femininas, quais suas necessidades, quais espaços elas são impedidas de acessarem, quais condições precisam ser melhoradas para que elas tenham, de fato, acesso pleno aos seus direitos enquanto indivíduos (BORGES, 2020).

Silva, Carmo e Ramos (2021) reiteram que as conquistas relacionadas ao feminismo e à sua emancipação nos espaços sociais só podem ser completas quando direitos sexuais e reprodutivos também se juntarem às políticas públicas desenvolvidas para a proteção da mulher. A igualdade entre homens e mulheres não está associada aos serviços de saúde sexual, à liberdade de reprodução, à vulnerabilidade social e muito menos à desmasculinização dos ambientes. Até hoje, estes tópicos são tratados como tabus, quase sempre removidos dos debates ou sequer mencionados.

Delajustine (2018) classifica esse processo como um conjunto social pautado na biopolítica de regulamentação. A biopolítica, ou o biopoder, surge em Foucault, cujo intuito foi o de agir em prol da regulamentação e da disciplina de vidas e corpos. Sua principal ferramenta é o controle coletivo e, surgida sob o prisma do patriarcado, a biopolítica recai no que Beauvoir (1970) classifica como “privilégio biológico”, que permitiu que os homens se afirmassem como sujeitos soberanos e regulamentassem as ações femininas. Essa é uma discussão que está longe de ser completamente materializada e ainda hoje, o espaço da mulher na sociedade – sobre quem ela é, o que deveria fazer e como deveria fazer – segue sendo questionado, sobretudo porque o mundo não foi construído para elas (CUNHA, 2020).

Ainda assim, como destacam Siqueira e Bussinguer (2020), o feminismo permitiu importantes conquistas femininas que transformaram, ainda que lentamente, seu papel na sociedade. De políticas de gênero inclusivas a uma mudança na visão do gênero feminino como uma propriedade do patriarcado, houve também a regulamentação do trabalho da mulher, que já existia muito antes dos movimentos feministas e estava diretamente conectado ao ambiente rural e aos cuidados familiares. Em sua maioria, as mulheres eram camponesas que auxiliavam na manutenção da casa, sem espaço direto de atuação e sem pagamento ou garantia de papéis equivalentes.

A inserção feminina, nas escolas e no mercado de trabalho, fora do ambiente de casa, lhes permitiu desejar e buscar outras aspirações e empregos mais relacionados à função intelectual tornaram-se possíveis, deixando de ser a vida no campo a ocupação feminina mais comum (PERROT, 2007, p. 114).

Nesse sentido, mulheres passaram a fazer parte de uma série de espaços em busca de igualdade de gênero e independência, principalmente financeira. O esporte, sob essa ótica, tornou-se um dos ambientes nos quais a independência feminina passou a ser observada. Nas mais variadas esferas do esporte, elas podem ser encontradas como atletas, treinadoras, jornalistas, redatoras, entre outras, mas sempre exercendo um papel diferente dos homens e – quase sempre – submetidas a um espaço em que precisam provar seu valor. No entanto, o esporte pode ser encarado, também, como um ambiente de emancipação feminina, auxiliando na luta do feminismo.

2.2 O ESPORTE COMO EMANCIPAÇÃO SOCIAL FEMININA

O esporte é uma atividade popular na modernidade, ainda que sua inserção social tenha ocorrido de forma desigual e articulada na dinâmica de grupos da sociedade de modo que algumas áreas privilegiaram as elites. A dinâmica dos grupos sociais, ao ser observada sob uma ótica contemporânea, pode ser entendida a partir do modelo social que emergiu da Europa no século XVII e que se tornou, de certa forma, mundial em sua influência (DOURADO; TRIVILIN, 2020). A partir dessa compreensão, o estilo de vida eminentemente urbano, que foi um dos principais marcos da modernidade, auxiliou na transformação da organização da sociedade. O

esporte, sob esse prisma, se torna alicerce das práticas sociais modernas (BOURDIEU, 1983).

Partindo dessas considerações, a modernidade também transformou o espaço do esporte ao permitir a participação mais frequente de mulheres, que até o século XX eram barradas por especialistas e não especialistas com razões negativas à presença delas em qualquer esporte, aludindo a condições fisiológicas e psicológicas tanto quanto estéticas. A existência do esporte feminino não apenas abriu uma porta para que mulheres passassem a derrubar argumentos contra sua presença, mas que pudessem aderir à prática de exercícios que fossem considerados mais agressivos e masculinos (MOURA *et al.*, 2010).

Sob uma perspectiva social, a problematização de questões sociais vigentes sob a ótica estrutural e o nexos constitutivo de um ambiente é deveras importante à compreensão dos principais elementos que permeiam uma discussão. Assim, aprofundar-se no que tange ao gênero no esporte, não apenas permite entender sua constituição patriarcal, mas observar como a prática esportiva auxiliou movimentos feministas e deu voz às mulheres que buscavam demonstrar que gênero não pode ser um determinante nas atividades que um sexo específico exerce ao longo de sua vida (PEREIRA, 2019).

Faz-se importante ressaltar que, até o momento, as conquistas progressistas voltadas à igualdade de gênero e à valorização simbólica da presença de mulheres em diversos espaços sociais está longe de atingir aquilo que é considerado ideal no campo de discussão do feminismo (RUBIO; VELOSO, 2019). Olhando a história feminina no esporte, alguns autores reforçam que o protagonismo da mulher dos últimos anos ainda leva a jornadas subdivulgadas sobre sua participação naquilo que envolva o esporte, especialmente quando a prática ou a atuação profissional é vista como predominantemente masculina (FERREIRA; SALLES; MOURÃO, 2015).

Essas distorções, como explicam Silva e Martins (2023), geram um impacto negativo em como o esporte é percebido pelas mulheres. Direciona a formação, a prática profissional, treinamento, compreensão cultural e abordagem em termos de integração entre práticas esportivas ou atividades relacionadas e as mulheres. Essa ideia de que a integração de meninas à prática do esporte precisa estar alinhada com a fragilidade que representam mantém um status de inferioridade, onde o discurso de que meninos são mais aptos aos esportes que meninas é incorporado pela sociedade, o que reduz a participação femininas nos mais variados esportes.

Assim, a presença feminina não é só um ato político, mas de resistência, de subversão do discurso, de participação, de sua integração social.

“Para além do entendimento de um papel de destaque superficial, o protagonismo passa a ser interpretado como um ato político, presente na dimensão social, definida ao se caracterizar como algo novo, que inaugura outro tempo”, explicam Rubio e Veloso (2019, p. 52). Nesse prisma, se em um primeiro momento, o protagonismo advém do desejo feminino de adentrar a novos espaços, os desdobramentos desse processo se tornam políticos, justamente porque é histórica a visão de que o ingresso das mulheres em ambientes masculinos é transgressivo, ecoando no ambiente esportivo com relações dominantes, preconceito, salários baixos e desrespeito – o que inclui descrédito, assédio e objetificação sexual (GARCIA, 2018).

Nos últimos 20 anos, a psicologia do esporte de matriz feminista tem buscado avaliar essa situação e identificar a fonte das discriminações de gênero no âmbito esportivo, buscando estabelecer modelos de trabalho focados nas atividades masculinas. A crescente história de exclusão, no entanto, também apresentou nuances raciais, ao se considerar que a fragilidade da mulher para ingressar no espaço esportivo estava mais atrelada às brancas que às negras. Fragilidade e delicadeza eram elementos direcionados à cor branca, tendo em vista que mulheres negras foram segregadas a anos de trabalho duro e pesado para o sustento da família. Isso não quer dizer que mulheres brancas não trabalharam no campo, não sofreram a pressão do sustento e enfrentaram estruturas patriarcais opressoras, só identifica que feminilidade e proteção são conceitos aplicados de formas distintas quando se esmiúça o feminismo sob o véu da cor da pele (SANTOS, 2022).

Silva *et al.* (2018) relatam a escassez de estudos que envolvam efetivamente discussões de gênero, participação feminina e os esportes. Existem menos trabalhos ainda que discorram sobre preconceito de gênero, ou que explorem as barreiras que afetam as mulheres em profissões relacionadas ao esporte, como treinamento ou jornalismo esportivo. De modo geral, reivindicações femininas ligadas ao ambiente desportivo se enquadram na segunda onda feminista e movimentaram o contexto social da década de 1960, tanto quanto impactaram o cenário econômico e político, especialmente no Ocidente. A hierarquia sexista presente no esporte tornou-se parte da pauta pela busca entre igualdade de gênero

e, embora até hoje essa luta siga ocorrendo, foi um debate importante para o feminismo e o avanço da emancipação social feminina (CARVALHO, 2023).

A primeira expressão da emancipação feminina nos esportes ocorreu nos Jogos Olímpicos de Paris em 1900, quando algumas mulheres fizeram participações discretas em modalidades como golfe e tênis. No Brasil, a participação feminina só foi oficializada em 1932, ano em que conquistaram o direito ao voto no país. Entretanto, como estipulava o Decreto-lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941, nenhuma mulher poderia participar de uma modalidade que não fosse compatível com sua natureza. O discurso de incompatibilidade biológica foi muito utilizado como impedimento para mulheres participarem do mundo dos esportes em diversas áreas, sendo refutado mais tarde, à medida que elas conquistavam espaços em ciência, educação e, obviamente, na prática esportiva (FARIAS, 2012).

Mas foi a década de 1970 que marcou o ingresso do sexo frágil no contexto esportivo, período inclusive em que foram desenvolvidos alguns dos trabalhos mais influentes voltados à filosofia do esporte, que expuseram a natureza ideológica, simbólica e mítica do esporte, antecipando críticas feministas que seriam despertadas tempos depois sobre as diferenças de tratamento entre os gêneros em todas as áreas profissionais que se relacionavam ao esporte (BANDY, 2021). Trabalhos de Foucault, Gramsci e uma profundidade de teorias pós-modernas e feministas exploraram a desconstrução do esporte como um evento produzido, socialmente construído e culturalmente definido para as grandes elites e, nesse sentido, para o patriarcado, permitindo que debates como pós-colonialismo, hegemonia, masculinidade e corpo fossem discussões presentes em um ambiente masculinizado (HALL, 1996; RUBIO; VELOSO, 2019; BANDY, 2021).

“A participação da mulher no campo esportivo ilustra um processo que, mesmo com restrições à sua participação, desafiou os limites físicos [...]”, comprovando a capacidade feminina de superar limites e de integrar espaços que foram marcados por uma sociedade em que seu papel social era discriminado e desempenhado como um sexo frágil (RUBIO; VELOSO, 2019, p. 52). O esporte brasileiro seguiu nessa esteira por muito tempo, retardando a participação feminina em modalidades mais populares, como atletismo e futebol. No entanto, as mudanças surgiram justamente pela pressão internacional para que o Brasil acompanhasse a prática de esporte feminino como o restante do mundo (FERREIRA *et al.*, 2013).

Esse movimento internacional deveu-se, principalmente, às ações norte-americanas de investimento igualitário entre esportes femininos e masculinos. A lei sancionada pelo governo estadunidense, *Title IX and Sex Discrimination*, reforçou uma movimentação mundial em torno da participação feminina nos esportes. Obviamente que uma ação dessa magnitude e com tal importância sofreu resistência por parte dos homens, justamente pela descrença de que mulheres poderiam praticar e se desenvolverem no meio esportivo da mesma forma (PEREIRA, 2019). Embora a concepção masculina fosse bastante privilegiada, foram esses pequenos passos que auxiliaram na ampliação da presença de mulheres no âmbito esportivo. O movimento feminista, embora até hoje ainda seja visto de forma negativa por parte da sociedade, foi responsável por transformações consideráveis na vida das mulheres, permitindo que sua realidade se transformasse, mesmo que de modo lento (BORGES, 2020).

No entanto, ainda que se possa encarar o esporte como uma ferramenta da emancipação social para o sexo feminino, há um caminho muito longo a ser percorrido na garantia de que os espaços sejam mesmo preenchidos. Como apontado por Rubio e Veloso (2019), dentre as 259 federações esportivas de 22 modalidades existentes no Brasil, apenas 7% dos técnicos esportivos brasileiros são mulheres. Em outras áreas, a presença feminina segue crescendo, apesar da contínua resistência – pública, todos os gêneros - às mudanças. Alguns estudos apontam o machismo estrutural e a resistência dos homens à presença do sexo oposto, caracterizando mulheres como um objeto nesse meio: “[...] eu era a questão figurativa da história [...]. Eu era aquela pessoa que fazia uma figuração; como se você tivesse um objeto bonito”, descreveu Renata Fan, apresentadora de programas esportivos brasileiros, sobre o início de sua carreira (ARAÚJO; VENTURA, 2020).

O esporte, nesse sentido, é um espaço de luta e debate feminista, no qual diversas mulheres encontraram espaço para crescer e demonstrarem que o papel de fragilidade e de desinteresse imposto a elas não é uma realidade. Ainda assim, observa-se que há muito a ser galgado, especialmente no que tange ao respeito nesse meio. Mais de 60 anos já se passaram desde as primeiras transformações, mas ainda existem disparidades que precisam ser reconhecidas e que devem ser tratadas sob uma perspectiva do gênero (CARVALHO, 2023).

Partindo desse ponto de vista, cabe debater a presença feminina em outros âmbitos, como é o caso do jornalismo e suas diversas possibilidades. Apesar de

crescente, a presença de mulheres nesse espaço merece um olhar integrado e profundo sobre as características, as dificuldades e as possibilidades. Explorar esse cenário não apenas permite compreender algumas das impostas ao sexo feminino nesse espaço, mas permite caracterizar um ambiente que, outrora, era um espaço pouco acessível às mulheres, especialmente pela forma como a sociedade encara a presença feminina em ambientes primeiramente pensados para os homens: uma temática absolutamente masculina, que deve ser realizada por homens.

2.3 MULHERES NO JORNALISMO

A preocupação teórica com o gênero como uma categoria de análise é algo recente e que, por vezes, auxilia na compreensão de como ocorrem as relações de poder no ambiente de trabalho e como o papel do gênero se molda às atividades que cada um realiza. No jornalismo, essa não é uma estrutura diferente. Até a segunda metade do século XX, o ambiente de jornalismo no qual as mulheres estavam inseridas era de discriminação, exclusão e minoria, justamente porque a realidade social convergia para a ideia de que homens eram mais aptos ao trabalho de modo geral (KOSHIYAMA, 2001). Bandeira (2019) acrescenta ainda que, em diversos momentos, a presença feminina nesses espaços era relegada às discussões sobre questões de feminilidade, deixando esses ambientes em que a opinião masculina era considerada dominando para aqueles que entendiam sobre economia, ciência, negócios e esportes.

De acordo com o texto de Koshiyama e Reimberg (2018), as discriminações de gênero marcam o cotidiano das jornalistas desde que elas ingressaram na profissão, há muito tempo. Como explicam os autores, “a partir dos anos sessenta do século passado, a presença delas nas redações muda o cenário da profissão e hoje elas constituem a maioria” (KODHIYAMA; REIMBERG, 2018, p. 20). A participação de mulheres nesses espaços pôs em relevo outros problemas associados à presença feminina em um ambiente anteriormente caracterizado como masculino: a discriminação e gênero e o assédio sexual e moral (BANDEIRA, 2019).

Em 1986, as mulheres ocupavam 36% dos quadros de jornalistas do país e, uma década depois, esse número ultrapassava os 40% (ROCHA, 2004). Em 2006, segundo dados do Ministério do Trabalho, 52% das vagas de jornalista eram ocupadas por mulheres (BANDEIRA, 2019, p. 143).

De acordo com a pesquisa desenvolvida pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), “Perfil do Jornalista Brasileiro”, verificou-se que, em 2021, 58% das vagas no jornalismo brasileiro eram ocupadas por mulheres, brancas (68%), solteiras (53%), com até quarenta anos. O perfil indicado no estudo não variou muito daquele observado em 2012, indicando que, mesmo à época o jornalismo sendo uma profissão em expansão, ainda há muito espaço e direitos a serem conquistados na luta feminista (LIMA *et al.*, 2022). Ainda assim, discussões sobre gênero nesse cenário precisam explorar com mais força a hierarquização do espaço de trabalho.

O documento elaborado pela Global Media Monitoring Project (GMMP, 2015) identificou, entre os anos de 1995 e 2015, um aumento de 17% (1995) para 24% (2015) na participação de mulheres em matérias jornalísticas. Os países da América Latina apresentaram o melhor resultado: 16% de aumento, de 13% em 1995 para 29% em 2015. O protagonismo feminino na área de jornalismo começou em ondas, como todos os eventos que acontecem na América Latina. Essa onda veio dos Estados Unidos do século XIX, quando os jornais passaram a depender de renda publicitária e a imprensa tinha o objetivo de atrair a audiência feminina. Embora estivessem confinadas a matérias específicas, foi um primeiro passo às mulheres residentes nas Américas (CHAMBERS; STEINER; FLEMING, 2004).

Casadei (2011) destaca que as mulheres que passaram a ser aceitas no jornalismo eram altamente educadas, sempre brancas e de classe média e, geralmente, seu ingresso no jornalismo se dava porque eram solteiras ou porque suas famílias tinham algum problema financeiro. Além disso, elas ocupavam um “status subordinado de gueto”, isto é, eram normalmente confinadas às áreas marginais das notícias publicadas em jornais – como moda, questões domésticas ou uma coluna de fofocas sociais. Chambers (2004 *apud* CASADEI, 2011) destacou que havia encorajamento à mulher em debruçar-se sobre uma perspectiva mais humanística mesmo quando havia a possibilidade de escrever sobre política ou questões sociais.

Mesmo quando uma mulher escrevia sobre política ou questões sociais, elas eram encorajadas a focalizar o que viria a ser chamado de um ângulo voltado ao ‘interesse humano’, ao demonstrar como os eventos afetavam as pessoas em sua vida cotidiana. O papel das primeiras jornalistas mulheres era provocar respostas emocionais nos leitores (CHAMBERS, 2004 *apud* CASADEI, 2011, p. 5).

Era uma constante a ideia de que o feminino não combinava com algumas esferas do jornalismo e, portanto, deveria ser relegado ao espaço que, de fato, era seu: falar sobre os afazeres domésticos, criticar e apontar eventos sociais e destacar a moda à época como um interesse genuíno do sexo feminino. Como explica Bandeira (2019), o caminho do feminismo na luta pela presença das mulheres nas redações precisou acompanhar outros movimentos, como as mudanças do próprio jornalismo, as transformações em uma cultura masculinizada no país e até mesmo a modernização da própria imprensa.

A Europa foi pioneira na participação feminina no jornalismo com o *The Ladies Mercury*, criado na Inglaterra em 1693, que durou alguns anos até sua circulação ser subitamente interrompida. Entre 1790 e 1809, esteve em circulação o periódico francês *L'Athénée Des Dames*, nascido por consequência da Revolução Francesa na mão de mulheres que queriam seguir e atuar na área. Apesar do correio sentimental transmitido pelo periódico, muitas reportagens debatendo o feminismo e a igualdade de gênero eram publicadas (FELDMANN, 2018).

Outro periódico famoso, criado em 1937 na França, é a revista *Marie Claire*, que, apesar de ter saído de circulação durante a Segunda Guerra Mundial, voltou a ser editada em 1954 e segue sendo veiculada até hoje. É um êxito da solidificação das críticas femininas a uma série de setores industriais, especialmente à indústria de cosméticos e, posteriormente à moda e aos negócios (SARMENTO, 2020). Essa marginalização feminina em ambientes estruturados e pensados para os homens girava em torno da ideia de feminilidade, de vida em família, de olhar para o que o as pessoas têm a oferecer. Esse, quase sempre, foi o papel relegado à mulher: de compreensão, aceitação e perdão, com a ideia de que é no feminino que reside o cuidado e o olhar mais brando, que mulheres atuando nessa profissão estariam aptas a explorar mais do ser humano (KODHIYAMA; REIMBERG, 2018).

Ainda assim, algumas mulheres se destacaram na história pelo seu pioneirismo e coragem de acessar espaços até então restritos a elas. De acordo com reportagem realizada pelo jornal inglês BBC, um dos mais famosos nomes do jornalismo feminino foi Nellie Bly. Ela é considerada a pioneira no mundo do jornalismo e foi responsável por averiguar se o livro do escritor Júlio Verne, “Volta ao Mundo em 80 dias”, era de fato, verídico. Segundo a reportagem, Bly enfatizou que uma mulher era capaz de não apenas cumprir a viagem como realizá-la em menos

tempo. E Bly conquistou o recorde mundial de circunavegação do globo com 72 dias, seis horas, onze minutos e quatorze segundos (CÔRREA, 2020).

No Brasil, a primeira mulher a se profissionalizar como jornalista foi Narcisa Amália de Campos. Ela era moradora de São João da Barra, no norte do Rio de Janeiro e fundou, em 1884, o jornal quinzenal *Gazetinha*. Além disso, também colaborou com uma dezena de jornais e revistas, a maioria fluminenses, falando sobre a mulher e sobre o fim da escravidão. Seu trabalho mais popular foi o artigo “A mulher no século XX”, em que a autora reflete sobre o papel de poder masculino, sobre os espaços aos quais os homens podiam ter acesso e as mulheres não podiam, sobre a bagagem da emigração feminina, sobre o desprezo, a raiva e a venda de mulheres que não tinham nenhum direito à liberdade (AGUIAR, 2017).

Casadei (2011) menciona ainda que, no Brasil, um dos primeiros periódicos escrito apenas por mulheres nasceu em 1855, sob o nome de “Jornal das Senhoras”. O jornal era comandado por uma argentina radicada no Rio de Janeiro, Joana Paula Manso de Noronha. Em seu primeiro editorial, ela escreveu:

Redigir um jornal é para muitos literatos o apogeu da suprema felicidade, já sou Redator, esta frasezinha dita com seus botões faz crescer dois palmos a qualquer indivíduo.

No círculo ilustrado o Redator é sempre recebido com certo prestígio do homem que em letra de imprensa pode dizer muita coisa, propícia ou fatal a alguém.

Ora pois, uma Senhora à testa da redação de um jornal! que bicho de sete cabeças será?

Contudo em França, em Inglaterra, na Itália, na Espanha, nos Estados Unidos, em Portugal mesmo, os exemplos abundam de Senhoras dedicadas à literatura colaborando [em] diferentes jornais.

Porventura a América do Sul, ela só, ficará estacionária nas suas ideias, quando o mundo inteiro marcha ao progresso e tende ao aperfeiçoamento moral e material da Sociedade? (CASEIDE, 2011, p. 4).

Embora as mulheres que trabalhavam na redação não assinassem os textos, seguindo no anonimato, a ideia do jornal era, justamente, explorar as possibilidades de exercer diferentes profissões, sem que elas privassem ninguém à vida conjugal e aos cuidados da casa (CASEIDE, 2011). Para Barbosa (2019), houve uma naturalização da ideia de espaço masculino e feminino e, portanto, muitas mulheres que possam ter vindo a atuar no jornalismo, perderam reconhecimento justamente pela falta de assinatura de reportagens. Para a autora, esse é um processo de apagamento histórico, que ainda requer muito desconstrução relacionada ao gênero

para que se possa entender como a masculinização dos espaços acabou por impedir diversas mulheres de explorarem suas capacidades.

Embora Lima *et al.* (2022) tenham identificado uma maior participação de mulheres no jornalismo, é possível se debruçar sobre outros elementos de gênero que impactam na presença feminina nesses espaços. Os dados de 2012 apontam que jornalistas eram mulheres (36), brancas (72%), com idades entre 23 e 30 anos (48%), com superior completo (98%) ou com alguma especialização em jornalismo (91,7%). Atualmente, a presença feminina cresceu nesses espaços, sofrendo pequenas mudanças, como a idade das jornalistas, entre 31 e 40 anos (30,3%), mas continuam majoritariamente brancas. Esse cenário abre espaço para se questionar o papel das mulheres negras, pardas, indígenas e amarelas, de mulheres mais velhas, de jovens em período de aprendizagem e conhecimento.

A feminilização da carreira foi extremamente importante para que o jornalismo deixasse de ser um espaço tão machista. No entanto, existe um padrão de ingresso que prevalece nesse meio e que precisa ser dissecado e investigado para que se possa compreender por que ele ocorre. Poderia ser um resultado do racismo estrutural existente no Brasil, que confere às mulheres não brancas a ideia de que elas não se enquadram nesses espaços. É um discurso que as subalterniza e segue impedindo que elas acessem ambientes que deveriam ser para todos (RODRIGUES, 2022).

Como descreve Rodrigues (2022, p. 68), “essas jornalistas apresentam, através da imagem delas, um modelo de corpo, cabelo e posição imposto a elas como sendo o ideal [...]”. A pesquisa da autora explora, principalmente, os telejornais brasileiros, de televisão aberta ou paga por assinatura, indicando que existe uma prevalência em um biotipo específico: branca, magra, cabelos de cortes tradicionais (longos ou curtos, mas sempre mantendo a feminilidade), na faixa dos 30 a 50 anos. Se essas jornalistas se encontram na bancada dos programas, quem as acompanha é, quase sempre, um âncora homem, branco, com idades entre 40 e 60 anos.

Assim, a presença feminina no jornalismo é uma evolução constante em termos de mudança de padrões e aceitação. Como explica Bandeira (2019), a feminilização do jornalismo não está completa se mulheres tendem a ganhar 24% a menos que homens, diferença que se acentua quando se analisam áreas mais especializadas do jornalismo; não está completa se mulheres ainda precisam

atender a padrões específicos para se encaixarem nesse espaço. É um debate não terminado, que precisa explorar a herança do patriarcado em espaços que ainda não aceitaram completamente a presença do sexo oposto.

3 JORNALISMO E ESPORTE

Na sociedade contemporânea, o jornalismo se caracteriza como um conjunto complexo de atitudes e práticas que vão além da escrita e recaem sobre marketing, ciências sociais, política e bem estar social. Cada vez mais, é um campo que varia entre estabilidade e consensualidade à exposição de opiniões impopulares, mas que trabalha com tendências que debatem a reorganização dos ambientes de trabalho, a fragmentação das redações e a mudança na profissão, a emergência de uma sociedade mais relacional e a pressão de tecnologias midiáticas cada vez mais desafiadoras. A produção jornalística, nesse sentido, explora uma série de elementos ao longo das últimas décadas, modificando-se à medida que a sociedade passa por transformações e diferentes demandas no ambiente sociocultural (DEUZE; WITSCHGE, 2016).

Alguns autores caracterizam essas transformações como uma “mudança estrutural no jornalismo”, isto é, a preocupação na transmissão de informações se debruçou sobre um interacionismo simbólico, em que o profissional busca comunicar a informação de uma forma mais fácil. Seriam as transformações da prática jornalística, que começaram a encarar a informação não como um elemento da elite, mas como uma necessidade da população (CHARRON; BONVILLE, 2023). O esporte se torna, nesse sentido, uma das principais mediações comunicativas da cultura na sociedade e, portanto, consolidou-se como um dos assuntos que permitiu que o jornalismo explorasse novos modelos de apresentação e informações, conforme explicam Santos, Mezzaroba e Souza (2017).

O esporte assume um papel preponderante nesse processo, que vai desde as relações culturais até a comparação do futebol com conflitos bélicos e ações importantes nas relações internacionais entre os países. O desempenho de atletas e equipes, de jornalistas e treinadores, de comentaristas se caracteriza como um elemento importante à internacionalização do esporte brasileiro. O “país do Futebol” nasceu de uma construção social formada pela tentativa de construir identidade nacional no âmbito internacional e grande parte disso se deveu – e segue sendo resultado – ao papel das redações brasileiras, da imprensa e do jornalismo esportivo (SILVA NETO, 2018).

A performance do jornalismo nessa seara surge da ampliação da própria performance esportiva, que intentava vincular uma construção de pensamento a um

modelo estrutural que se destacasse no imaginário coletivo sobre nacionalidade e união. Além disso, o jornalismo tinha a preocupação em expor informações em uma linguagem mais acessível, promovendo não apenas mudanças na forma como as entrevistas eram conduzidas, mas nos modelos utilizados pelos redatores na cobertura de eventos esportivos (VENANCIO, 2018).

O discurso midiático-esportivo, como colocam Santos, Mezzaroba e Souza (2017), contribuiu para a presença do esporte no cotidiano das pessoas. Observa-se, é claro, a força que o futebol tem no Brasil e o destaque que ele ganha no jornalismo esportivo. Mas, apesar disso, os significados e símbolos do esporte incorporados pelo jornalismo foram essenciais para que a relação institucional entre mídia e esporte fosse estabelecida. O fenômeno esportivo, nesse sentido, foi responsável por produzir, fazer, circular e manifestar um processo de transformação que garantiu que a cultura brasileira tivesse uma nova faceta: a performance esportiva.

O futebol pode ser observado como uma performance, destaca Venancio (2018), assim é possível, inclusive, encarar o jornalismo como a noção poética do esporte, ampliando e canalizando expressões de modo que a prática esportiva, e suas variadas temáticas, tenham um alcance ainda maior. No entanto, pode-se identificar que jornalismo esportivo também possui suas preferências, especialmente quando se trata de futebol. Como destaca Santos (2022), para além de sua função crucial de produção de informação, o jornalismo esportivo é de entreter, de assegurar humor, sensibilidades e memórias, que tornem estes momentos especiais, trabalhando, é claro, dentro de regras e éticas que possam gerar às audiências.

Diante disso, este capítulo versa sobre elementos importantes ao jornalismo esportivo, no que tange às grandes audiências e à cobertura esportiva em suas mais variadas instâncias, explorando, inclusive, o gênero nessas situações. Essa estrutura permite encerrar o capítulo a partir da exposição das mulheres na cobertura esportiva, identificando papel, atuação, possibilidades e limites da profissão.

3.1 GRANDES AUDIÊNCIAS

No jornalismo, entender o comportamento da audiência é um desafio. Desde sua profissionalização, as observações em torno do público no jornalismo devem compreender a notícia enquanto mercadoria, condição que está atrelada diretamente à revolução industrial e à emergência do capitalismo. Devem entender também que a produção de informação em larga escala possui um foco: vender e arrecadar consumidores. Assim, compreender o que as pessoas procuram e qual o cerne do interesse da audiência é imperativo à sobrevivência de redações, do radiojornalismo e de tantas outras formas utilizadas pelo jornalismo (VIEIRA, 2018).

O desenvolvimento de plataformas de comunicação representou um importante passo na ampliação do acesso à informação, isso porque servem como canais ou ferramentas na transmissão de dados e permitem que estes sejam acessados de qualquer lugar, por qualquer pessoa. Nesse contexto, o jornalismo assume uma nova posição no cenário comercial, se tornando veículo não apenas para a informação, mas para serviços, haja visto que a disseminação de informações está sempre, ou se não quase sempre, atrelada às propagandas, produtos ou financiadores. No jornalismo esportivo, esse cenário também pode ser observado (PRADO; RIBEIRO; FERES NETO, 2019).

Desde seus primórdios, a concepção linear da passagem de informação no processo comunicativo (emissor – mensagem – receptor) já era questionada quando nos estudos sobre audiência e comunicação de massas (VIEIRA, 2018). Hall (2009, p. 366) já destacava que é “[...] na forma discursiva que a circulação do produto se realiza, bem como sua distribuição para diferentes audiências”. Para o autor, a audiência seria, ao mesmo tempo fonte e receptora da mensagem, tornando o processo de comunicação muito mais complexo (HALL, 2009).

A audiência, nesse sentido, deve ser observada como uma audiência ativa, especialmente em assuntos que carregam um imaginário individual e coletivo que pode gerar interpretações individuais, interpretações coletivas e ações coletivas, sejam elas sociais ou políticas. Partindo de sua concepção central, de que a audiência seria a exposição de um grupo de pessoas a uma mensagem comum, o esporte pode ser encarado como um espaço comum na formação de grandes audiências porque, para além a informação, reúne elementos que são interpretados

a partir de uma questão unificadora: paixão, interesse comum e atividades sociais (VIEIRA, 2018).

O esporte é formado por modalidades que possuem grandes audiências e modalidades que ainda galgam espaço no cenário esportivo nacional e internacional. É um ambiente competitivo, que atualmente carrega muito do modelo surgido no século XIX, que se baseia na organização de grandes espetáculos que movimentam não apenas um grande número de pessoas, mas uma quantidade considerável de dinheiro (CINTRA SOBRINHO, 2019). Alguns autores sugerem que o esporte perdeu sua essência lúdica e que se tornou um negócio, fazendo com que as grandes audiências sejam formadas por uma manifestação não de amantes do esporte, mas de investidores (NOGUEIRA, 2015).

Nogueira (2015) destaca que o jornalismo brasileiro voltado ao esporte é como um *infotainment*, uma mistura entre informações e entretenimento que emprega elementos do marketing para obter um número cada vez maior de pessoas, mas construindo uma noção cultural que faz uso de arte, animação, lazer, ambiência e marketing como uma hipercultura com objetivo mercantil, baseada nos recursos do espetáculo e no divertimento generalizado. A audiência passa a ter um papel muito mais ativo no processo comunicativo, interferindo na apuração, produção e circulação de produtos midiáticos (VIEIRA, 2018). Existem estudos que buscam quantificar essa audiência, especialmente tentando compreender como ela se comporta e monitorar suas respostas.

Uma das maiores audiências, nesse sentido, reside no futebol e na transmissão televisiva do esporte. Considerado o “esporte espetáculo”, no caso específico da televisão, o futebol é responsável por reunir inúmeras pessoas em frente a televisão. Grande parte dessa audiência acaba reunida pela capacidade de cobertura esportiva e pelos sentimentos que ela transmite. A produção de notícia televisiva, assim, cria uma simbiose entre o esporte e os meios de comunicação, disseminando um universo de valores e modelos, implícitos e explícitos (MATIAS; MASCARENHAS, 2019).

Estima-se que o futebol tenha cerca de 3.572 bilhões de expectadores no mundo, conforme os dados observados na Copa do Mundo de 2018 na Rússia, que contou com uma audiência superior a 3,5 bilhões de pessoas entre participações presenciais, televisão e internet. Só na televisão, 3.3 bilhões de espectadores geraram audiência para o evento (KARLS; SILVA, 2019). Dados da Copa do Mundo

de 2014 demonstraram uma ampliação de audiência de 12% em comparação aos dados observados em 2010. O público televisivo representou cerca de 1.013 milhões de telespectadores na Copa do Mundo de 2014. Desde 2014, também, houve um aumento no interesse do público asiático nas transmissões voltadas ao futebol, com audiências que aumentaram até 36% quando comparadas às audiências observadas em 2010 (BRASIL, 2014; ESTADÃO, 2015).

A Copa do Mundo de 2022 também demonstrou como o futebol representa uma das maiores audiências televisivas. Conforme o levantamento realizado pelo Uol Esporte (2022a), diferentes regiões do mundo apresentaram audiências consideravelmente altas nas transmissões da Copa. Na Ásia, o jogo entre Japão e Costa Rica no dia 27 de novembro representou uma audiência média de 36,37 milhões de telespectadores. Em 24 de novembro, na Coreia do Sul foi registrado um aumento de 97% da audiência em comparação às fases de grupo na Copa de 2014 e 18% a mais do que na Rússia em 2018. Na França, a audiência do jogo entre os “*Les Bleus*” com a Dinamarca atingiu o pico de audiência quando Kylian Mbappé marcou o gol da vitória, com 14,56 milhões de pessoas assistindo. Na América do Sul, a Argentina apresentou uma audiência de 8,48 milhões de telespectadores na partida decisiva contra o México.

De acordo com os dados disponibilizados por Andrade (2022), a audiência da transmissão dos jogos pela Globo chegou perto dos 50 pontos, índice que novelas ou mesmo jogos dos clubes não estão atingindo no atual momento da TV Aberta. Isso representou um aumento de 400% na faixa média do meio dia em comparação à quatro sextas-feiras anteriores à estreia da copa. Isso significou que cerca de 80% das televisões no Brasil estavam ligadas durante a transmissão de conteúdo, tornando-se o maior ibope do horário (entre 12h e 14h47min) desde o início das avaliações (janeiro/2000).

Observar esses dados demonstram, como aponta o trabalho de Karls e Silva (2019), o papel do futebol no entretenimento brasileiro e a forma como eventos esportivos mundiais, como é o caso da Copa do Mundo de Futebol, reúne um grande número de telespectadores em todos os espaços do mundo. Vieira (2018) destacam, ainda que o esporte pode ser encarado como um espaço comum na formação de grandes audiências porque, para além da informação, reúne elementos que são interpretados a partir de uma questão unificadora: paixão, interesse comum e atividades sociais (VIEIRA, 2018).

No esporte, esses elementos unificadores caracterizam-se a partir da conquista de novos públicos, criando uma popularização do espetáculo esportivo, que tem ídolos, que exige presença das torcidas, que estabelece um modelo de funcionamento que gera discursos frequentes sobre união e aproximação que se tornaram senso comum. Esse processo interativo se deveu, em grande parte, às mídias e ao desenvolvimento da tecnologia, que permitiu que mais pessoas tivessem acesso às transmissões e passassem a fazer parte desses grupos. E, portanto, ampliam o público e, cada vez mais, criam grupos de audiência com diferentes interesses que convergem para o cenário esportivo como um todo (PRADO; RIBEIRO; FERES NETO, 2019).

3.2 COBERTURA ESPORTIVA

O desenvolvimento da cobertura esportiva enquanto uma atividade foi gradativa, como tantas outras atividades nas mais variadas profissões. Nos primeiros anos da cobertura esportiva muito se duvidou se a atividade prosperaria. Diversos eram os apontamentos, desde a descrença do futebol como um assunto que deveria estampar manchetes à sua real necessidade para a população. Por vezes, a presença do repórter em um evento era classificada como sensacionalismo, sem compreender profundamente o papel da apresentação inicial e da disponibilidade de informações imediatas (SOUSA, 2005).

Alguns estudos indicam que a cobertura esportiva ganhou mais força a partir da midiática do esporte, manifestada a partir dos processos de globalização econômica e de mundialização da cultura, que permitiram que o esporte fosse visto como um fenômeno sociocultural de integração (PIRES, 2002; MEZZAROBBA; PIREZ, 2011). Para Silva, Silva e Santos (2022), embora isso tenha ampliado a cobertura esportiva, também a tornou uma atividade que é regulada, principalmente, pela indústria de comunicação em massa. A construção simbólica do esporte viu narrativas contributivas no jornalismo esportivo, mas tem sucumbido a uma estrutura que vem afunilando a cobertura esportiva em um interesse econômico.

Ainda que essa seja uma discussão válida, cabe, em um primeiro momento, conceituar a cobertura no âmbito do esporte. Essa conceituação permite, com um olhar mais abrangente, compreender como o jornalismo se debruça sobre essa vertente. Diferentemente de outras estruturas editoriais, a cobertura esportiva

trabalha com um tema lúdico, que apresenta elementos como humor, e sensacionalismo na transmissão de informações. Historicamente, os esforços midiáticos na cobertura esportiva brasileira se voltam, quase que exclusivamente, para o futebol. Assim, explorar esse cenário requer, instintivamente, analisar o desenvolvimento do futebol no Brasil (GASPARINO, 2013).

A cobertura esportiva é caracterizada a partir do conceito de *infotainment*, apresentado anteriormente. Sob essa perspectiva, a cobertura é o emprego do jornalismo em caráter de entretenimento, sendo essa a característica fundamental da atividade no mundo contemporâneo, onde os meios de comunicação impactam em relações sociais na busca pela construção noticiosa (LONGO, 2022). Mariana Oselame (2012, p. 17) classificou esse fenômeno por meio do termo “engraçadismo”, caracterizando-o como uma mudança de função, onde “[...] a função essencial do jornalista já não é mais selecionar, tratar e apresentar as notícias em um pacote ao mesmo tempo atraente e informativo, mas, antes disso, divertir”. Ou seja, privilegia-se a piada em detrimento da informação, um formato que deixa de lado a formação do profissional e enfoca no inusitado e no curioso, naquilo que chama a atenção do consumidor.

Esse *infotainment* é, para outros autores, um recurso imprescindível na cobertura esportiva, já que o repórter precisa lidar com a emoção do público e informá-lo ao mesmo tempo (GASPARINO, 2013; LONGO, 2022). Como explica Padeiro (2015, p. 35), “a editoria de esporte é responsável tanto pela descrição de um belo lance em um grande evento esportivo quanto pela investigação em relação aos recursos públicos aplicados em uma arena”, ou seja, veicula informações e repercute a comoção nacional na mesma medida, expondo a cobertura esportiva como uma função mais emocional da prática jornalística.

Porém, isso não significa que a notícia esportiva é uma obra aberta, feita a partir da imaginação dos repórteres e que não possua elementos que a caracterizam enquanto uma prática jornalística e, tampouco, regras que devem ser seguidas. Há uma série de fatores que aborda todos os aspectos que norteiam não só o que acontece dentro de uma competição, mas sobretudo o que é inerente a ela fora do local de jogo, como cultura, artes, negócios e política (LONGO, 2022, p. 28).

Anteriormente, esse conceito era apresentado por Barbeiro e Lima (2002, p. 108) como a emoção presente no jornalismo esportivo, isto é, “a linha tênue entre a pieguice e a razão. Costumava-se dizer que não há boa cobertura esportiva sem

emoção [...]”. No entanto, tecnicamente, o repórter pode sentir essa emoção, mas não se deixar levar por ela, nem por momentos de nacionalismo ou “surto” de interesse. Para Gasparino (2013), essa emoção não está restrita apenas ao futebol, mas com certeza é ela que torna a cobertura de um evento esportivo mais significativa e ela que impede o público de se decepcionar com o relato ou a notícia transmitida.

Sob um contexto de economia global e de cultura mundializada, a cobertura jornalística se torna um conceito que se caracteriza cada vez mais pelo comércio, política e estruturas de negociação. Essa estrutura não é dissociada da cobertura de eventos esportivos, especialmente quando o esporte já passou a ser capitalizado. Esse processo estabelece uma dialética global-local sobre a forma como eventos esportivos são apresentados, que enfrenta ainda mais obstáculos perante questionamentos sobre o papel do jornalismo na esfera de mediação social (SILVA; SILVA; SANTOS, 2022).

Essa estrutura, ainda que pareça puramente econômica, tem raízes no machismo estrutural que estabelece o que a audiência tem interesse. E a audiência esportiva no Brasil era – até meados de 2014 – caracterizada como predominantemente masculina, o que estabelece uma estrutura bastante clara sobre como a cobertura dos esportes funciona e para quem ela é feita (MOURA; TASCA, 2020). Partindo dessa estrutura, o jornalismo esportivo e, assim, a cobertura dos eventos esportivos, trabalha com um modelo bastante específico de apresentação.

Nesse processo, no entanto, sua importância para a ampliação da comunicação segue sendo pauta de debates, especialmente na era da tecnologia. Como a cobertura deve ocorrer, quando, de que forma, em qual linguagem, são questionamentos que crescem a medida em que há mais pessoas buscando informar e noticiar a comunidade sobre eventos esportivos. A internet e as redes sociais são apenas exemplos de como a disseminação da informação se tornou extremamente informalizada, gerando “uma faca de múltiplos gumes”, em que as mídias informais se multiplicam sem restrição e sendo tuteladas por instituições esportivas (LONGO, 2022, p. 29).

Além dos efeitos da disseminação de informação e das mudanças de canais de comunicação e do esporte enquanto entretenimento, a cobertura esportiva também sofre efeitos das nuances culturais e do processo de construção noticiosa. O uso de uma linguagem confiável é um fator fundamental na cobertura de eventos

esportivos, assim como a socialização dos diferentes discursos projetados pelo esporte. Ou seja, ainda que a cobertura siga as regras de apresentação do jornalismo, é também permeada pelos sentimentos de torcedores e atletas que não devem ser ignorados (TAVARES JUNIOR, 2017).

A cobertura televisiva, nesse diapasão, assume características inerentes do processo jornalístico na apresentação dos eventos e congrega inúmeras funções além da redação. A televisão se tornou a principal responsável por impulsionar o esporte e, conseqüentemente, sua espetacularização. Mas isso permitiu que o jornalismo esportivo também ganhasse forças e que a profissão expandisse as possibilidades de atuação, explorando as funções de narração, comentaristas, repórteres e redações especializadas (PATATT, 2021). A função de narrador é comum, especialmente no futebol, e unanimemente direcionada aos homens.

O narrador é, até hoje, considerado a figura central nas transmissões esportivas. Sua função é a exposição, relato e a descrição do fato, a boa observação e a comunicação clara para com o público. Seja no rádio, seja na televisão, a narração requer a capacidade de descrição dos detalhes do evento, com uma locução vibrante, entusiasmada, que reflita com precisão as ações ocorridas no campo de futebol (RUTILLI; GÖTZ, 2022). Conforme define Schinner (2004, p. 77), o narrador esportivo na televisão busca a valorização da imagem, “[...] é o profissional de comunicação capacitado a descrever, contar, relatar, transmitir um evento ou conduzir uma transmissão, interagindo com seus ouvintes, espectadores ou assinantes”. É um profissional versátil, com uma linguagem que se adequa às fases do futebol e que sabe como relacionar a narração com aquilo que o espectador busca.

Além do narrador, outra função muito recorrente nas transmissões de futebol é o comentarista. Como indicam Bueno e Marques (2020), o comentarista é responsável pela contextualização da notícia ou do evento, introduzindo observações e análises que possam auxiliar o telespectador a compreender o que está acontecendo. A figura do comentarista no Brasil surgiu ainda nas transmissões de rádio, como uma forma de torná-las mais interessantes. Na televisão, o comentarista aparece como uma figura dinâmica para a transmissão, atuando no pré e pós-jogo, trazendo informações históricas, preparação do time e expondo o objeto de análise com um discurso original e um pouco mais tranquilo do que o narrador (FERRO, 2021). Comumente, esse é um papel desempenhado pelos homens, mas

em 2019, Ana Thaís Matos se destacou como a primeira mulher a assumir a posição de comentarista. Anos depois, em 2022, esse papel também ocupado por Renata Silveira, Natália Lara e da jogadora de futebol Formiga (INGIZZA, 2022).

O jornalismo esportivo televisivo também conta com a atuação de repórteres, que fazem as entradas ao vivo, descrevendo aquilo que acontece em campo, na torcida e entrevistando os principais personagens do jogo, e salas de redações, compostas por profissionais responsáveis pela preparação e a apresentação do material nos *sites*, pelos textos apresentados nas reportagens, entre outras atividades. Cada função atua como um complemento da outra, justamente porque a cobertura esportiva é uma cadeia de atividades, isto é, ele é construído na redação da notícia, transmitido pelo repórter, dissecado pelo comentarista e apresentado ao público pelo narrador. Na televisão, cada uma dessas funções representa um aspecto da apresentação dos eventos e, juntos, compõem a cobertura esportiva (BUENO; MARQUES, 2020).

Definir e conceituar cobertura esportiva é de uma complexidade percebida no contexto de seu emprego. É um constante embate entre o imediatismo e a atualização, entre estratégias de planejamento e adesão às transformações midiáticas. Enquanto o jornalismo pode apresentar nuances muito mais simplistas no que se refere ao entretenimento, o jornalismo esportivo e, portanto, a cobertura esportiva, trabalha com um caráter idôneo, mas que é constantemente bombardeado pelas emoções, pelos elogios, pela vibração pessoal, pelo interesse nos atletas, pela paixão por um time (SOUSA, 2023).

Uma vez entendido seu conceito, é possível se debruçar sobre os aspectos que orientam a cobertura esportiva na contemporaneidade, isto é, abordar os aspectos estruturais relacionados à sociedade, economia e cultura que moldaram a forma como a cobertura jornalística esportiva é realizada atualmente. Isso porque, a estratégia atual é manutenção da relação com o espectador, promovendo uma aproximação entre as audiências, uma mais regionalizada e menor e outra mais globalizada. Persiste, inclusive, a importância do discurso que veicula as condições econômicas e tecnológicas nas quais o esporte se desenvolve, mas que também desfaz debates que questionem racismo, machismo, gênero e receptividade de algumas instâncias da prática esportiva (SILVA; SILVA, SANTOS, 2022; SOUSA, 2023).

Logo, a cobertura esportiva é um ambiente que, embora se transforme para acomodar as ondas de modernização cultural e tecnológica, no âmbito social ainda parece carregar consigo preceitos engessados acerca de seu papel. Com a tecnologia, esses discursos se propagam de forma ainda mais rápida, especialmente quando o conjunto midiático que as suporta estabelece um apelo discursivo que é mantido pela estrutura econômica, como explicam Silva, Silva e Santos (2022). O estudo dos autores apontou que há uma redução da atuação própria dos jornalistas e que houve uma ampliação na replicação de notas informativas, que se estruturam em perspectivas do esporte por meio de elementos como espetáculo (92,68%), ética (84,07%) e esportividade (78,19%).

Outro ponto levantado pelos autores na análise da cobertura esportiva e na disseminação das informações estão relacionadas à mobilização de fontes. Um grande número delas é informalizada e são majoritariamente masculinas. Apenas cerca de 9% das fontes consultadas são mulheres, estabelecendo um padrão pouco inclusivo na cobertura jornalística. Quando esse olhar se volta para os profissionais, embora a discussão sobre gênero e o debate em torno da ampliação do acesso de mulheres ao esporte e atividades relacionadas tenha crescido consideravelmente nos últimos anos, o problema de gênero persiste e o espaço feminino nesse cenário segue sendo subalternizado (SILVA, SILVA, SANTOS, 2022).

3.3 MULHERES NA COBERTURA

Embora a representação midiática da mulher esteja assumindo novos contornos, existem áreas do mercado de trabalho formal que seguem sendo destinadas exclusivamente às mulheres. Sousa (2023) aponta que mais de 80% da força de trabalho na educação seja de mulheres, distribuídas em 96,4% de profissionais nos anos iniciais e finais do ensino fundamental e 66,8% no ensino médio. Isso sugere uma representação da desigualdade de exercício de funções que estabelece as relações de desigualdade de gênero na sociedade brasileira.

Esses números são importantes porque evidenciam um tipo de desigualdade de gênero, que estabelece o espaço e o papel específico da mulher em um ambiente ao qual ela se encaixa (JANUÁRIO; LIMA; LEAL, 2020). Na história do jornalismo, de um modo geral, as redações e as emissoras sempre foram um ambiente desafiador para as mulheres. Desde os primeiros registros, sua

participação era limitada e os assuntos eram definidos pelo seu gênero. A evolução histórica desses espaços ainda não foi capaz de suprimir, plenamente, preconceitos e discriminações, especialmente construídos no modelo eurocêntrico masculino com a qual a figura feminina é observada na sociedade (RUBIO; SIMÕES, 2007; PACHECO; SILVA, 2020). Nesse ponto, cabe destacar o que Judith Butler (2018) crítica: o aprisionamento de gênero. A ideia de que o gênero, na cultura, se torne um fator determinante e fixo ao ponto de que a biologia determina as ações de cada indivíduo, tornando-se um elemento que demanda reflexão.

Na cobertura esportiva, o papel das mulheres foi, por muito tempo, avaliado pela beleza em detrimento das capacidades. Recentemente, observou-se a primeira mulher a narrar um jogo da Copa do Mundo de futebol em rede de TV aberta, Renata Silveira (ESTADÃO, 2022). O trabalho desenvolvido por Araújo (2021), demonstra como o papel feminino foi, e segue sendo destacado pela beleza, pelo corpo, pelos atributos físicos que ela apresenta e não pelo conhecimento pleno da profissão. Em análise às matérias apresentadas no Globo Esporte São Paulo, ao longo dos meses de junho e julho de 2019, a autora avaliou 25 edições do jornal esportivo televisivo. O destaque se dá para a cobertura realizada por homens e mulheres, embora o trabalho também tenha avaliado o tempo de tela de esportes femininos em comparação às demais pautas.

A pesquisa apontou a diferença no tratamento de mulheres e homens nesse cenário, não apenas no que tange ao tempo de tela, mas nas expressões utilizadas, na abordagem e na sexualização. Enquanto homens tendiam a convocar seus interesses e apontarem o time para o qual estavam torcendo, mulheres se destacavam pela estética e pelos padrões de feminilidade que apresentavam. Os comentários se direcionavam tanto às jornalistas quanto às jogadoras e, inclusive, às torcedoras presentes no momento da cobertura dos eventos, reiterando a visão que se tem das mulheres em cada uma das posições analisadas: um objeto bonito (ARAÚJO, 2021).

Outro momento da cobertura esportiva que a autora destaca é o tom sensacionalista e “brincalhão” com que os jornalistas entrevistam torcedoras, colocando-as em uma posição de sexualização e reforçando padrões de ação para homens que não poderiam ser realizadas por mulheres. O assédio é visto por duas lentes, portanto: a lente do repórter, que se utiliza de uma tradição inventada para

beijar as torcedoras; e a lente do torcedor, que encara o corpo de uma jornalista mulher como livre para o assédio.

Inúmeros são os casos em que se observa que esse tom “brincalhão” nada mais é do que a perpetuação de uma visão machista e dominante sobre os corpos femininos, que desqualifica a capacidades das mulheres de atuarem na área (NICOLETE, 2020). Movimentos surgiram em torno desses eventos, como foi o caso do “#Deixa Ela Trabalhar”, campanha encabeçada por jornalistas esportivas após o assédio sofrido por Bruna Dealtry, repórter do canal Esporte Interativo. O caso ocorreu em 2018, quando a repórter cobria a partida entre Vasco e Universidad de Chile, no Rio de Janeiro (ROSSI, 2018).

[...] a repórter Bruna Dealtry, do canal Esporte Interativo, foi beijada, à força, por um torcedor. [...] Constrangida, a repórter disse que a atitude ‘não foi legal’, mas continuou a transmissão. Três dias antes, em Porto Alegre, um torcedor do Inter insultou e agrediu, fisicamente, a repórter Renata Medeiros, da Rádio Gaúcha, que cobria a partida entre Grêmio e Inter. ‘Sai daqui, sua puta’, disse o torcedor à jornalista (ROSSI, 2018, s.p.).

Recentemente, pode-se destacar o caso de Jéssica Dias, repórter da ESPN, que foi assediada por um torcedor durante a cobertura do jogo do Flamengo no Maracanã (UOL ESPORTE, 2022b). Esses são apenas alguns casos que ressaltam as dificuldades que as mulheres enfrentam diariamente, mas que se ampliam à medida que conquistam espaço no mundo esportivo. As transmissões, sob essa perspectiva, apresentaram sim um maior número de mulheres na cobertura dos eventos esportivos, mas dentro de um padrão e atendendo às demandas de homens para que a sua comunicação com o público estivesse orientada para uma estrutura específica (ARAÚJO, 2021; ARAÚJO; VENTURA, 2023).

Araújo e Ventura (2020) realizaram uma análise sobre a programação esportiva da TV Globo. Os dados coletados pelos autores indicam que dos dez profissionais presentes em uma redação, ao menos três deles são mulheres (30%). Nas ruas, produzindo matérias, a cada 11 repórteres, cerca de três são mulheres (27,2%). Quando recaí na análise dos profissionais que atuam como comentaristas, a presença feminina é quase inexistente, usando-se como exemplo mais comum o caso da apresentadora Renata Fan, que se destaca como uma das únicas mulheres a atuar como comentarista. Olhando mais profundamente para o estúdio do programa Jogo Aberto, além de Renata, havia outras duas mulheres na equipe. Em

avaliação aos créditos do programa Globo Esporte, os autores identificaram que, dentre os 34 profissionais, apenas quatro eram mulheres (11,4%). Com relação aos repórteres do esporte para a TV Globo, dos 19 repórteres, apenas uma era mulher, a repórter Camila Silva. Esse cenário indica cerca de 10% de presença feminina em ambientes esportivos.

Monteiro (2022) reitera que, embora a atuação feminina no jornalismo esportivo esteja crescendo, casos de assédio e discurso de ódio, frutos de uma mentalidade que continua alicerçada no machismo, também seguem sendo frequentes, colocando mulheres em risco. A imprensa esportiva se demonstra ainda mais machista quando se observa que a cobertura voltada ao esporte feminino é menor do que 4%, o que também foi demonstrado pelo estudo de Araújo (2021), ao estabelecer o tempo de tela para esportes femininos e esportes masculinos.

Outros exemplos do machismo no jornalismo esportivo se destacam no relatório elaborado pela Associação Brasileira de Jornalistas Investigativos em 2017, que aponta que 70,4% das profissionais já foram vítimas de algum tipo de assédio. Foram 477 jornalistas entrevistadas para a elaboração da pesquisa, que atuam em 271 veículos de imprensa nacional. Elas apontaram colegas, superiores e desconhecidos que tentaram beijá-las à força, como foi o caso de Laura Gross, em 2019, em uma partida entre Internacional e River Plate em Porto Alegre (JORNALISMO ULBRA, 2019).

Grande parte disso está conectado a como as próprias emissoras encaram o papel das mulheres na cobertura de eventos esportivos.

[...] a forma como a emissora vê seu público que consome futebol e a relação do jornalismo esportivo com o assunto futebol de mulheres impactou na construção das notícias que tinham como foco a modalidade feminina. As referências constantes ao futebol masculino, a afirmação, por exemplo, sobre a associação direta com o atleta português Cristiano Ronaldo para aqueles que gostam do esporte, o acesso a questões estéticas de reforço a padrões de feminilidade e heterossexualidade e o tratamento misógino de um repórter com relação a torcedoras mulheres são demonstrações disso (ARAÚJO, 2021, p. 256).

A cobertura esportiva no Brasil torna-se ainda mais problemática quando se avalia que, mais uma vez, apenas 4% dos eventos relacionados ao futebol são cobertos por jornalistas mulheres (JANUÁRIO; LIMA; LEAL, 2020). O podcast produzido pela Rádio Gazeta, o Gazeta Online, realizou dois episódios especiais sobre mulheres pioneiras no jornalismo esportivo, entrevistando Regiani Ritter, que

possui experiência de 57 anos no jornalismo esportivo e destacou a importância das mulheres nesse meio justamente como uma forma de transformar a visão estruturalmente machista que recai sobre repórteres femininas nesse meio (RÁDIO GAZETA, 2021).

Regiani Ritter é um dos nomes mais respeitados do jornalismo brasileiro. A paulista de Ibitinga que é atriz de formação, já trabalhou em cinema e em novelas de TV. Mas foi no rádio e posteriormente na TV que ela marcou seu nome na história do jornalismo esportivo. Ritter foi a primeira mulher repórter e comentarista de futebol no Brasil, no início dos anos 1980 (SANTOS, 2012, p. 13).

Sua inserção foi marcada por estereótipos que seguem segregando mulheres na profissão até hoje, especialmente no que tange ao corpo, vestimenta e feminilidade. Sousa (2023) destaca que apenas 19% dos profissionais de jornalismo esportivo no Brasil são do sexo feminino. Considerando que menos de 4% têm participação efetiva na cobertura de eventos esportivos, os desafios que são impostos às mulheres sedimentam uma relação estrutural que estabelece qual é o seu lugar no jornalismo esportivo. Além disso, as representações simbólicas sobre o que é feminino, delicadeza e sobre como a mulher deve se portar nesse espaço, são cerne das discussões quando se debate a presença – e a permanência – delas nesse âmbito (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2017).

No país do futebol, modalidade que comanda a estrutura de transmissão dos eventos esportivos, faltam mulheres, mas sobram clichês e preconceitos sobre sua atuação, como demonstra a reportagem realizada por Freitas, Montagnana e Carneiro ([201-?]). Como os autores destacam ao longo da reportagem, as repórteres são tratadas como “musas” ou como “café com leite” quando a discussão adentra a uma profundidade de esquemas táticos, como se elas não soubessem do que falam. Além disso, os ataques nas redes sociais e nas próprias transmissões ao vivo fazem com que as jornalistas assumam posições de isolamento, ignorando os comentários preconceituosos que são feitos mesmo durante a transmissão.

Alguns casos explicitam muito bem essa situação no futebol brasileiro. O primeiro deles envolveu Ana Thaís Matos, pioneira entre as mulheres no jornalismo esportivo e a primeira mulher comentarista na TV aberta. Observou-se que o tratamento dado por Bueno aos comentaristas homens era diferente daquele dispensado à Ana Thaís, o que gerou repercussão na internet quanto à forma como

ele ignorava ou mesmo interrompia as falas da comentarista (TUBAMOTO, 2022). A perpetuação da ideia de que a mulher desconhece o futebol e suas características se estendeu à jornalista Sandra Annenberg, que estava na Rússia cobrindo a Copa do Mundo. A jornalista mencionava a emoção de estar perto da taça da copa e não poder tocá-la quando Galvão Bueno a interrompeu para explicar exatamente o que a jornalista estava explicando: o motivo para que não pudesse tocar a taça. Situações em que, embora possa parecer sutil, observa-se o machismo e a resistência ao ingresso das mulheres em espaços esportivos (WARKEN, 2020).

Götz (2022), em análise ao ingresso de mulheres na narração de rádio esportiva do Rio Grande do Sul, destacou que o cenário de assédio, machismo e descrédito é bastante comum nesses espaços. Muito disso, ainda que associado a ideia de espaço estritamente masculino, advém também de uma cultura que segue orientada para a ideia de que futebol não é um espaço para a mulher, que o máximo de espaço que ela deva ter é a reportagem. Ainda assim, o autor vê o cenário de mudanças como positivo, especialmente porque o ingresso de mulheres nesse cenário, ainda que lento, está acontecendo.

Como explica Sousa (2023), a premissa de um mundo masculino acaba abrindo espaço para que ações que vão do assédio à violência sejam normalizados. O trabalho das jornalistas nas coberturas de eventos esportivos, quase sempre, é pautado no desrespeito e na violência. De acordo com a reportagem realizada pelo Observatório da Discriminação Racial no Futebol (2023), embora as mulheres representem 44% da base de fãs do futebol, a importunação sexual e a misoginia continuam sendo uma regra. Alguns dos avanços que precisam ocorrer, para além a conscientização sobre o respeito às mulheres, associa-se à necessidade de um batalhão da Polícia Militar feminino, que possa atender e socorrer a essas mulheres, e à adaptação dos estádios para receber mulheres mães.

O futebol, como destaca pesquisa realizada por Cerqueira e Gomes (2020), tem uma forte ligação com a violência contra a mulher e acaba se tornando um catalisador da masculinidade e do preconceito contra as jornalistas que atuam nesse meio. Pacheco e Silva (2020) ressaltam que há uma naturalização desses comportamentos e que muitas mulheres nesse ramo acabam desenvolvendo estratégias de imposição que possam garantir um pouco de respeito: o tipo de vestimenta, os adereços utilizados, especialmente em coberturas, os gestos

corporais e a aquisição daquilo que os autores chamam de “jogo de cintura”¹. Esse “jogo de cintura” seria caracterizado não apenas como uma necessidade das mulheres que atuam nesse espaço, mas também como uma consequência do assédio que sofrem.

Nesse sentido, as mulheres que atuam nas transmissões esportivas, embora tenham conquistado um espaço importante, ainda enfrentam as dificuldades de um ambiente que não foi pensado para elas. Do machismo ao assédio, a cobertura de eventos esportivos é naturalmente um espaço pensado para homens. Como destaca Souza (2023), ainda há um longo caminho a ser percorrido na luta pela igualdade de gênero.

¹ O termo jogo de cintura é usado pelo autor para caracterizar a capacidade de uma pessoa de lidar com situações adversas com sofisticação mesmo que sob circunstâncias desagradáveis (PACHECO; SILVA, 2020).

4 ANÁLISE DAS COBERTURAS

As emissoras a serem analisadas foram selecionadas com base no seguinte critério: países da América Latina que ganharam uma Copa do Mundo e canais que transmitiram os jogos do Copa do Mundo no ano de 2022. Os três principais países, nesse sentido, são Brasil (cinco copas do mundo), Argentina (três copas do mundo) e Uruguai (duas copas do mundo), o que levou a seleção da emissora brasileira Globo, da emissora argentina Televisión Publica e da emissora mais antiga do Uruguai, Canal 10.

A escolha foi suportada por duas condições observadas com relação a estes países. A primeira delas se deveu ao fato de que essas emissoras terem sido pioneiras na transmissão de partidas televisionadas de futebol nos seus respectivos países (GOMES, 2011; PADILLA, 2022). A segunda está associada às particularidades de cada emissora: a TV Globo segue sendo a maior audiência no Brasil; o Canal 7 na Argentina é o único canal aberto do país que transmitiu a Copa do Mundo de 2022 e o mais antigo a transmitir o futebol na Argentina; e o Canal 10 uruguaio, que transmitiu a Copa do Mundo de 2022 com exclusividade no Uruguai, ampliando seu espaço no mundo dos esportes frente aos canais pagos existentes no país.

Desse modo, os subcapítulos a seguir apresentarão as emissoras escolhidas para a análise. Além disso, destacar-se-ão os espaços esportivos presentes nessas emissoras, evidenciando como funcionam e quem os compõe, assim como definir-se-á a metodologia empregada no desenvolvimento desse estudo e a apresentação da análise realizada em torno do objeto de estudo.

4.1 EMISSORAS

Esse capítulo apresenta a análise das transmissões das Copa do Mundo realizada nos três países, buscando observar a presença feminina nas transmissões dos três primeiros jogos do Brasil, da Argentina e do Uruguai.

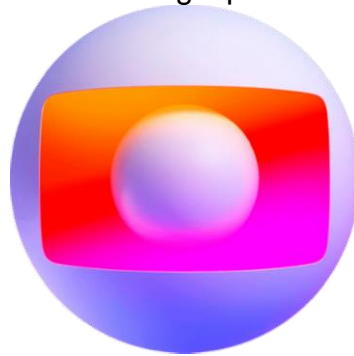
4.1.1 TV Globo/Brasil

A TV Globo é uma rede de televisão comercial aberta brasileira, conhecida como a segunda maior rede de televisão comercial do mundo, atrás apenas da norte-americana American Broadcasting Company (ABC). A TV Globo alcança cerca de 92,98% do território brasileiro, cobrindo aproximadamente 5.470 municípios e cerca de 98,47% do total da população brasileira, conforme os dados disponibilizados pelo Negócios Globo (2022). A TV Globo é uma das empresas do Grupo Globo, e disponibiliza seu sinal para o exterior, mediante assinatura, e na internet, por meio do serviço de vídeo sob demanda Globoplay.

A fundação da TV Globo ocorreu em 26 de abril de 1965, a partir da transmissão do programa infantil *Uni Duni Tê*. Além dele, os programas Tele Globo e Jornal Nacional também consolidaram o surgimento da emissora. Seus primeiros meses representaram um fracasso de audiência, com baixo alcance e programas que não pareciam atrair grande público. No entanto, em 1966, o Rio de Janeiro sofreu com uma das piores inundações e foi a emissora que cobriu a tragédia ao vivo, fazendo campanhas de arrecadação, centralizando as notícias e, assim, a empresa adquiriu o canal 5, antiga TV Paulista. Foi o marco da expansão da emissora que, somado ao programa do então governo de Costa e Silva (1967-1969) de concessão de crédito à população para aquisição de televisores, a TV Globo passou a formar uma rede nacional, afiliando-se a outras emissoras existentes no norte do país (FERRARETTO; MORGADO, 2019).

Somado a isso, vale o destaque ao caso “Globo-*Time Life*”, parceria responsável pela expansão da emissora. À época em que a parceria foi firmada, a legislação brasileira proibia a participação de empresas estrangeiras nos grupos de comunicação brasileiros, conforme constava no artigo 160 da Constituição Brasileira de 1946 e na Lei nº 4117, de 27 de agosto de 1962 (GOMES, 2010). Com o intuito de contornar as regras impostas pelo Brasil, Globo e *Time Life* criaram uma empresa *offshore* nas Ilhas Virgens Britânicas denominada de *International Television Corporation*, que seria acionista majoritária da Globo. Esse episódio permitiu que a *Time Life* tivesse participação majoritária na emissora, garantindo que a Globo alcançasse diversos espaços no território nacional (VASCONCELOS, 2019). O logotipo utilizado pela TV Globo é o apresentado na Figura 1.

Figura 1 – Atual logotipo da TV Globo



Fonte: Jornal Nacional (2021)

Com relação ao futebol, a primeira transmissão realizada pela emissora ocorreu em 21 de novembro de 1965, uma partida entre a Seleção Brasileira e a União Soviética no Maracanã. O jogo terminou em empate por 2 a 2, mas a transmissão não foi ao vivo. A emissora só pode transmitir o jogo duas horas após seu término, tendo Teixeira Heizer como narrador. A primeira Copa do Mundo televisionada pela emissora foi em 1970, no México, torneio que garantiu o tricampeonato mundial ao Brasil. Com relação ao futebol feminino, no entanto, isso ocorreu apenas nos Jogos Pan-Americanos de 2007, o que se deveu em grande parte à campanha realizada pela jogadora Marta².

Com relação à grade de horários para a transmissão dos jogos de futebol, a emissora exibe as partidas todas às quartas, após a novela das nove, e aos domingos, às 16 horas, com eventuais mudanças a depender do amistoso e da demanda do público (BRITO, 2009; OLIVEIRA, 2020; MEMÓRIA GLOBO, 2022). O espaço é reservado, majoritariamente, aos jogos de futebol masculinos.

4.1.2 Televisión Pública/Argentina

Na Argentina, a emissora mais antiga é a Televisión Pública (TVP), também chamada de Canal 7, fundada em 17 de setembro de 1951. A emissora já atua a 72 anos e tem caráter público, isto é, quem gerencia a emissora é o próprio Estado argentino. Na época, o presidente argentino Juan Domingo Péron encarregou Jaime Yankelevich a desenvolver um projeto que tornasse a televisão um meio de

² Marta Vieira da Silva, mais conhecida como Marta, é uma futebolista brasileira que atua como atacante ou meia-atacante. Marta já foi escolhida como melhor futebolista do mundo cinco vezes consecutivas. Um recorde não apenas entre mulheres, mas também entre homens (UOL ESPORTE, 2020).

comunicação de massa do público. Era assim que surgia o então Canal 7, que veio a apresentar diversas denominações e precisou ser refundado em 2000, devido à entraves gestionários e financeiros (GODOY; MAGNONI, 2015).

Conforme relata o *site* do Canal 7, a Televisión Pública tem uma cobertura nacional de 50% da população, fazendo uso da televisão aberta analógica, e de 65% por meio da televisão digital terrestre. Com a implementação da televisão digital por satélite e dos sistemas pagos à cabo, a cobertura atinge 100% do território (RTA, [s.d]). A programação exibida pela TVP sofreu diversas mudanças desde sua criação, influenciada pela ditadura e pelas pressões estatais, tornando ora a programação mais politizada e partidária, ora mais próxima do entretenimento e do humor por meio de concursos variados. No domingo do dia 18 de novembro de 1951, foi transmitida a primeira partida de futebol pela TVP na Argentina, quando San Lorenzo de Almagro enfrentava o River Plate (ZHANG; RUVALCABA, 2021).

O logotipo utilizado para representar a marca mudou bastante com o passar dos anos, assumindo ora o nome Canal 7, ora o nome TVP. Atualmente, o logotipo é o mostrado na Figura 2.

Figura 2 – Logo usado pela TVP recentemente



Fonte: Logopedia (2023a)

A Argentina se consolidou como o quarto país na América Latina a iniciar as transmissões televisivas, atrás do Brasil, do México e de Cuba, e o oitavo a nível mundial. Após o golpe militar de 1976, o canal acabou sendo dividido em canais estatizados, a fim de organizar a programação. Durante os primeiros meses, houve um enfoque cultural na transmissão, com programas como ópera, teatro e balé. No entanto, em 1978, a programação se voltou inteiramente para a transmissão da Copa do Mundo de Futebol, o que indicou para a emissora o real interesse do público. Isso motivou a empresa a adquirir unidades móveis de cobertura de eventos

e uma delas era especialmente voltada para o futebol (ZHANG; RUVALCABA, 2021).

4.1.3 Canal 10/Uruguai

No Uruguai, a TV aberta pode ser encontrada por meio da Saeta TV Canal 10, fundado por Raúl Fontaina e Enrique De Feo, em 1956. O Canal 10 foi o primeiro canal de televisão no país, e segue fazendo parte do Grupo Fontaiba-De Feo, considerado um dos maiores grupos de comunicação do Uruguai. A história da criação o Canal começou em 1949, quando se estabeleceu o estatuto de formação da SAETA (Sociedad Anónima de Emisoras de Televisión y Anexos). Em 19 de outubro de 1943, foi realizada a primeira amostra de transmissão televisiva no Uruguai, averiguando as necessidades e a demanda do auditório presente (CANAL 10, 2023a) e, após sete anos de tentativas e rearranjos, o canal finalmente foi lançado às 7h30 da manhã do dia sete de dezembro.

A emissora é uma das líderes de audiência da televisão uruguaia. Especialmente no campo político, a emissora Canal 10 e a emissora *Búsqueda* se tornaram os pontos de recepção e informações do governo no país (SCHULIAQUER, 2022). As primeiras produções realizadas pela emissora, tinham espaço em um galpão, com uma câmera usada comprada do Canal 13 da Argentina. O primeiro telejornal só passou a ser vinculado em meados de 1957 – *Noticiero de las Tres Avenidas y Casa Soler* era um programa radiofônico que foi readaptado para a televisão (AYRES, 2009). O Canal 10 é representado pelo logotipo na Figura 3.

Figura 3 – Logotipo utilizado pelo Canal 10 atualmente



Fonte: Logopedia (2023b)

Eventos televisivos, como futebol e o carnaval nunca configuraram grande espaço nas transmissões. Até hoje, cerca de 60% do conteúdo transmitido pelo Canal 10 é inteiramente de produção nacional (QUEIROZ, 2018). Em 2003, a emissora começou a transmissão do Programa Punto Penal, chamado “*el clásico de los domingos*”³, programa voltado exclusivamente para o esporte – com uma ênfase maior no futebol nacional e internacional. Anteriormente, entre 1987 e 2002, o Canal 10 contava com um programa chamado Deporte Total, que também fazia cobertura dos eventos esportivos, mas que posteriormente foi substituído pelo Punto Penal (CANAL 10, 2023b; CANAL 10, 2023c).

4.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A produção dos capítulos segundo e terceiro deste trabalho teve como suporte a pesquisa bibliográfica. Este quarto capítulo, por sua vez, pela natureza empírica da pesquisa, foi produzido por meio do uso da pesquisa documental como principal método de coleta de dados para análise. Para tanto, primeiramente é necessário conceituar esses procedimentos para que se possa compreender seu emprego nesse estudo. Assim, as técnicas de coleta de dados empregues no desenvolvimento dessa pesquisa, consistiram em pesquisa documental, bibliográfica e empírica.

A pesquisa bibliográfica, conforme Cervo e Bervian (2002), caracterizam como a coleta de fonte secundárias, ou seja, dados já tratados por outros autores, cujas visões ajudam a construir o referencial teórico existe sobre o objeto de estudo. Conforme explica Gerhardt e Silveira (2009), a pesquisa bibliográfica se desenvolve por meio de um material já elaborado, constituído de artigos científicos e livros que trabalharam o objeto de estudo direta ou indiretamente. Sua principal vantagem, quando aplicada no desenvolvimento de um estudo, está em fornecer ao investigador um instrumento analítico que permite que ele visualize o objeto de estudo sob diferentes lentes. Assim, a pesquisa bibliográfica auxiliou na composição dos principais elementos de análise do objeto de estudo, fornecendo material para compreensão de conceitos.

³ “O clássico dos domingos”, tradução nossa (CANAL 10, 2023b).

No que tange à pesquisa documental, ela é caracterizada com um modelo de pesquisa bastante semelhante ao modelo bibliográfico, mas que, como diferença essencial, faz uso de uma fonte de natureza muito específica: dados sem tratamento (OLIVEIRA, 2011). A pesquisa documental se concentra nas fontes primárias que compõe a coleta de dados e, como explicam Lakatos e Marconi (2004), pode ser tanto um modelo particularmente importante, quanto um problema devido à dispersão dos dados no espaço (físico ou virtual). Conforme explica Gil (1999), o uso da pesquisa documental requer atenção às fontes utilizadas, pois dados equivocados podem ampliar erros de análise.

Para o desenvolvimento desse estudo, os dados documentais utilizados se basearam nas programações virtuais disponibilizadas nos *sites* das emissoras. Cada emissora conta com um *site*, com a programação diária. A TV Globo e o Canal 10 possuem *sites* específicos para cada programa desenvolvido na grade de horários da emissora. O Canal 7, da Argentina, possui um único *site* com todas as informações disponíveis para cada programa. A pesquisa documental se limitou a conferir todas as informações disponíveis nesses *sites*, considerando-os fontes oficiais.

O uso do modelo empírico, nesse sentido, atua como um complemento às duas técnicas supracitadas. Essa estrutura de pesquisa consiste no entendimento de que um objeto de estudo, quando analisado, deve ser comprovado, seja por meio de experimentos, seja pela observação de um contexto através coleta de dados em determinado período. Assim, a pesquisa empírica ancora e comprova as experiências conceitualmente apresentadas, buscando oferecer dados que possam sistematizar aquilo que foi observado na teoria (WEBER, 2022).

4.3 TRANSMISSÕES

As análises se concentraram nos jogos da Copa do Mundo de 2022, buscando avaliar três jogos de cada um dos países e identificar aspectos da transmissão que indicassem a presença de mulheres na narração, nos comentários e na cobertura do evento.

4.3.1 TV Globo/Brasil

A análise dos jogos protagonizados pelo Brasil permitiu identificar quem foram os responsáveis pelas coberturas dos jogos. Em um primeiro momento, foi desenvolvido um levantamento das mulheres presentes e atuantes na emissora em espaços/programas esportivos, com o objetivo de demonstrar a presença das mulheres de um modo geral. Esse levantamento resultou nos dados identificados no Quadro 1 para a emissora TV Globo.

Quadro 1 - Mulheres presentes nos programas esportivos na TV Globo

Emissora	TV Globo
Débora Gares	Repórter (RJ)
Larissa Santiago	Repórter (AM)
Karla Izumi	Apresentadora (GO)
Jana Fontinelle	Apresentadora (MA)
Waldélia Reis	Repórter (MA)
Maria Cláudia Bonutti	Repórter (MG)
Mariana Cintra	Repórter (MS)
Juliana Alvarez	Repórter (PA)
Sabrina Rocha	Repórter (PE)
Stephanie Pacheco	Repórter (PI)
Angelita Lima	Repórter (RR)
Alice Bastos Neves	Apresentadora (RS)
Kelly Costa	Repórter (RS)
Bruna Ficagna	Apresentadora (SP)
Clara Casé	Redação
Bárbara Coelho	Apresentadora
Fernanda Gentil	Apresentadora Eventual
Mariane Granado	Produtora
Karine Alves	Apresentadora (SP)
Cacau Corazza	Apresentadora (SC)
Ana Thaís Matos	Comentarista
Renata Mendonça	Comentarista
Camila Carelli	Comentarista
Renata Silveira	Narradora
Natália Lara	Narradora

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

O primeiro jogo avaliado foi Brasil contra Sérvia, que ocorreu no dia 24 de novembro de 2022, às 16 horas (horário de Brasília). O jogo ocorreu em Lusail, em Doha e foi transmitido em canais pagos, pela internet e na TV Globo. O segundo jogo do Brasil foi contra a Suíça, em 28 de novembro de 2022, às 13h (horário de Brasília). O terceiro foi contra Camarões, no dia dois de dezembro, às 16h (horários de Brasília). Os jogos corresponderam à 1ª rodada da fase de grupos. A transmissão do jogo contou com três comentaristas e um narrador, conforme o Quadro 2.

Quadro 2 - Narrador e comentaristas dos jogos da 1ª rodada da fase de grupos

Transmissões	
Narração	Galvão Bueno
Comentaristas	Júnior
	Ana Thaís Matos
	Roque Júnior
	Paulo César Oliveira (Comentários Arbitragem)

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Com relação à cobertura da copa, a TV Globo definiu alguns repórteres para comporem diferentes equipes: uma delas presencial, diretamente do Catar, e outra nacional, comentando os jogos após as partidas. A seleção de repórteres pode ser observada no Quadro 3, onde se observa que há um número de mulheres considerável na cobertura da Copa.

Quadro 3 – Grupos e cobertura da Copa do Mundo de 2022

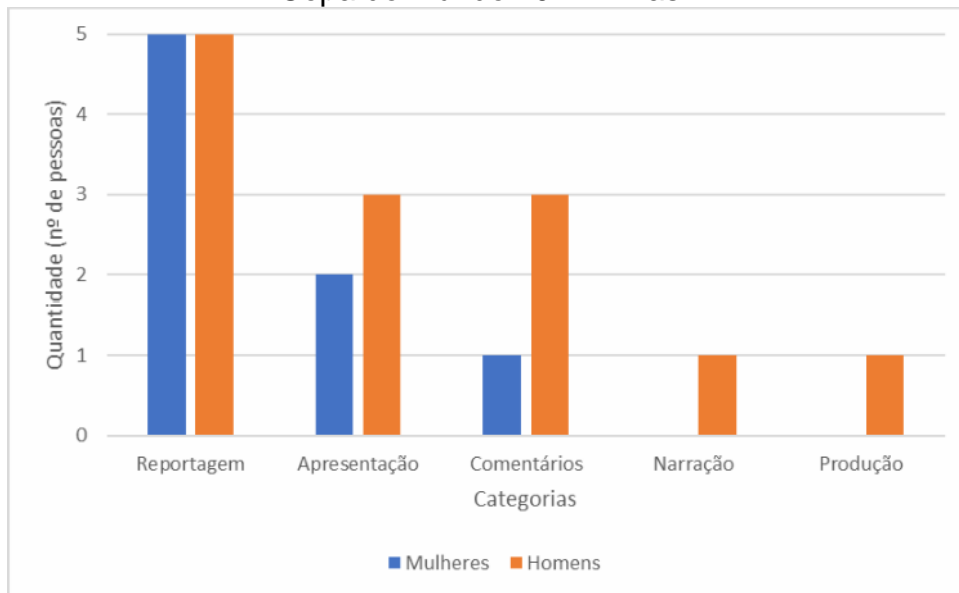
Cobertura da Copa	
Catar	Carol Barcellos
	Eric Faria
	Marcelo Bastos (repórter cinematográfico)
	Victor Pozella (produtor)
	Débora Gares
	Gabriela Ribeiro (repórter de campo)
	Karine Alves
	Thiago Medeiros
Nacional	Deborah Secco (Atriz)
	Magno Navarro
	Aloísio Chulapa
	Igor Rodrigues
	Jojo Todynho (Cantora)
	Alex Escobar
	Fred

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Deborah Secco e Jojo Todynho não são jornalistas, mas atuaram como apresentadoras nacionais em representação ao público feminino que acompanhou a Copa do Mundo. Essa representatividade torna-se um passo a mais na presença feminina nesses espaços, pois se aproxima do público ao promover essa intersecção entre o público feminino que gosta e acompanha o futebol e as mulheres que atuam profissionalmente nesse espaço (ZANON, 2022).

Avaliando o total e envolvidos na cobertura da copa, foram 13 homens e sete mulheres, isto é, 35% da equipe era feminina. A categorização das atividades foi dividida em cinco funções: reportagem, englobando as reportagens realizadas no Brasil, no Catar e os repórteres de campo; apresentação dos programas relacionados à copa; comentários; narração e produção. Importante destacar a presença da Renata Silveira. Embora ela não tenha participado dos três primeiros jogos do Brasil, ela foi muito importante durante a cobertura da Copa do Mundo de 2022, pois foi a primeira mulher a narrar os jogos em um canal aberto. Os resultados obtidos para o Brasil podem ser observados na Figura 4, que indicam a quantidade de homens e mulheres em cada uma dessas funções.

Figura 4 – Categorização da participação de homens e mulheres na cobertura da Copa do Mundo 2022 - Brasil



Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Observa-se que o número de repórteres homens e mulheres é igual, o que pode indicar uma maior presença de mulheres nesse espaço. Contudo, quando se observam as outras categorias, verifica-se que a presença das mulheres parece limitada aos espaços em que ela apenas dá a notícia e não necessariamente expressa opinião sobre ela. Isso pode demonstrar que a aceitação feminina nesses espaços ainda é relegada a uma posição em que ela não precisa expressar sua opinião. Ainda assim, a presença de uma mulher como comentarista é bastante significativa.

4.3.2 Televisión Pública/Argentina

O levantamento do número de mulheres presentes na emissora também foi realizado para a Televisión Pública. Os dados foram coletados diretamente no *site* oficial da emissora e nos *sites* dos programas esportivos que compõem a sua programação. A apuração da presença de mulheres nesses espaços resultou no Quadro 4.

Quadro 4 – Mulheres presentes nos programas esportivos na Televisión Pública

Emissora	Televisión Pública
Lola del Carril	Comentarista
Angela Lerena	Comentarista
Rochi Cuenca	Apresentadora
Gabriela Previterra	Repórter
Angela Lerena	Comentarista
Sofía Martínez Mateos	Repórter
Rosario Lufrano	Produtora

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Os jogos analisados foram Argentina versus Arábia Saudita, em 22 de novembro de 2022, às 7h (horário de Brasília). O segundo jogo ocorreu no dia 28 de novembro de 2022, às 16h (horário de Brasília), estreando Argentina contra México. O terceiro jogo analisado foi Argentina versus Polônia, que ocorreu em 30 de novembro de 2022, às 22h (horário local). O Quadro 5 apresenta o time de narração da Copa do Mundo de 2022 enviados pela TVP.

Quadro 5 – Narrador e comentaristas dos jogos jogados pela Argentina

Transmissões	
Narração	Pablo Giralt
Comentaristas	Matías Martín

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Com relação ao time de repórteres enviados pela TVP, o Quadro 6 apresenta os nomes apurados.

Quadro 6 – Grupos de cobertura da Copa do Mundo de 2022

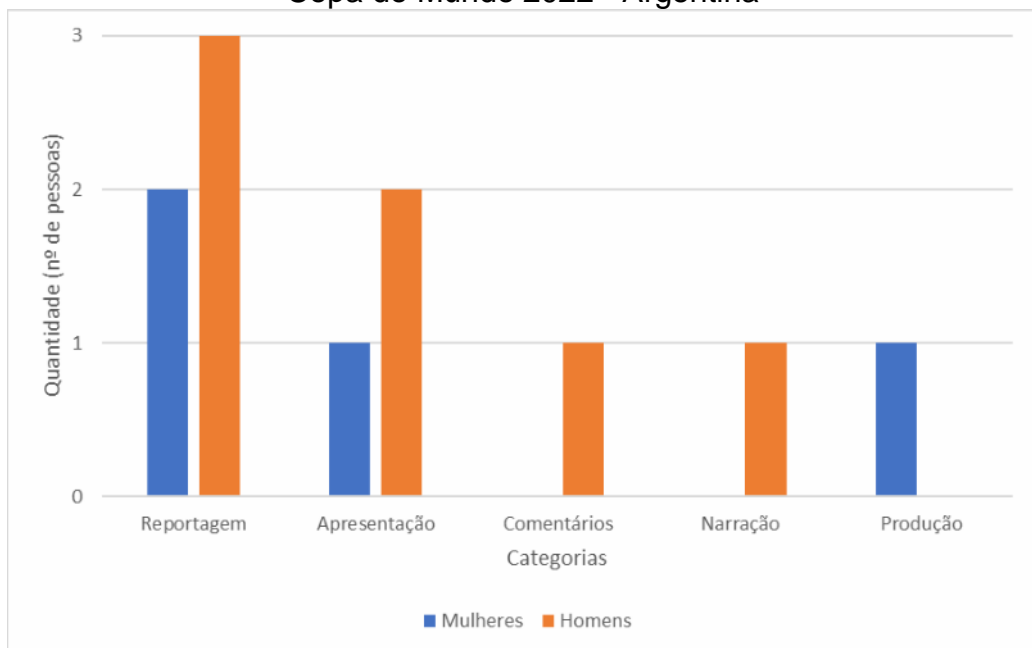
Cobertura da Copa	
Catar	Sofía Martínez
	Titi Fernández
	Angela Lerena
	Sergio Goycochea
Nacional	Gustavo Kuffner
	Miguel Osovi

Cobertura da Copa	
	Pablo Ladaga
	Lola del Carril.
	Gabriela Previtera
	Rosario Lufrano (produtora)

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Com relação à Argentina, os dados apontam que a equipe foi formada por sete (58,33%) homens e cinco (41,7%) mulheres. A diferença entre homens e mulheres observada nos dados disponibilizados pela TVP é que o grupo de cobertura dos eventos da copa é relativamente menor do que o que o brasileiro. Nesse caso, a categorização, que pode ser observada na Figura 5, indica uma menor participação de mulheres em todas as áreas, exceto na produção.

Figura 5 – Categorização da participação de homens e mulheres na cobertura da Copa do Mundo 2022 - Argentina



Fonte: Elaborado pela autora (2023)

De acordo com a reportagem de Bilosky (2022), os jogos em que a Argentina participou, foram narrados e comentados por apenas duas pessoas. No entanto, Gustavo Kuffner, Lola Del Carril y Pablo Ladaga, responsáveis pelas reportagens dos jogos da Argentina, foram escalados para narração e comentários dos demais jogos da Copa do mundo. Logo, observando o gráfico na Figura 1, olhando isoladamente para os jogos da Argentina, não há nenhuma mulher na narração. Se

essa análise fosse ampliada, seria possível ver a participação e pelo menos uma mulher nesse espaço.

Mesmo assim, identifica-se um número ainda baixo de mulheres que atuam tanto nos comentários dos jogos, quanto na programação semanal. Uma delas é produtora da emissora e atua na transmissão de jogos e outros eventos esportivos, como foi o caso da Copa do Mundo de 2022, função que já tinha sido designada para Rosario Lufrano desde 2020 (TVP, 2020). As duas comentaristas, Lola del Carril e Ángela Lerena, são pioneiras na profissão e servem como um marco do ingresso feminino nos espaços esportivos na Argentina.

Além disso, apesar de contar com comentaristas experientes, como Lola del Carril e Angela Lerena, elas não foram selecionadas para os jogos em que a Argentina participa. Isso pode indicar a entrada de mulheres nesse espaço, mas em momentos específicos, considerando que um, jogo protagonizado pelo time do país é um evento muito importante para que uma mulher seja responsável pelos comentários ou pela narração. Sugere-se, nesse sentido, que a resistência à participação da mulher existe mesmo quando ela se encontra inserida em espaços considerados masculinos.

4.3.3 Canal 10/Uruguai

Para a emissora uruguaia Canal 10, o mesmo procedimento de análise foi realizado. Os dados também foram retirados do *site* oficial da emissora, que conta com um *link* para cada programa em que apresenta os principais participantes. Os resultados podem ser observados por meio do Quadro 7.

Quadro 7 – Mulheres presentes nos programas esportivos no Canal 10

Emissora	Canal 10
Ana Inés Martínez	Apresentadora
Sandra Rodríguez	Apresentadora/Produtora

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

De acordo com o modelo de análise aqui empregado, três jogos do Uruguai foram avaliados: Uruguai contra Coreia do Sul, em 24 de novembro de 2022, às 10h (horário de Brasília); o jogo entre Uruguai e Portugal, em 28 de novembro de 2022, às 16h (horário de Brasília); e o jogo contra a Gana, que ocorreu em 29 de novembro, ao 12h (horário de Brasília). O time de narração e comentários desses

jogos seguiu o mesmo padrão observado para Brasil e Argentina, com o mesmo narrador e o mesmo comentarista escalados para os jogos do time nacional. O resultado pode ser observado no Quadro 8.

Quadro 8 – Narrador e comentarista dos jogos do Uruguai

Transmissões	
Narração	Roberto Moar
Comentaristas	Martín Charquero

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Para as transmissões, reportagens de campo e equipe de apoio, observa-se o Quadro 9.

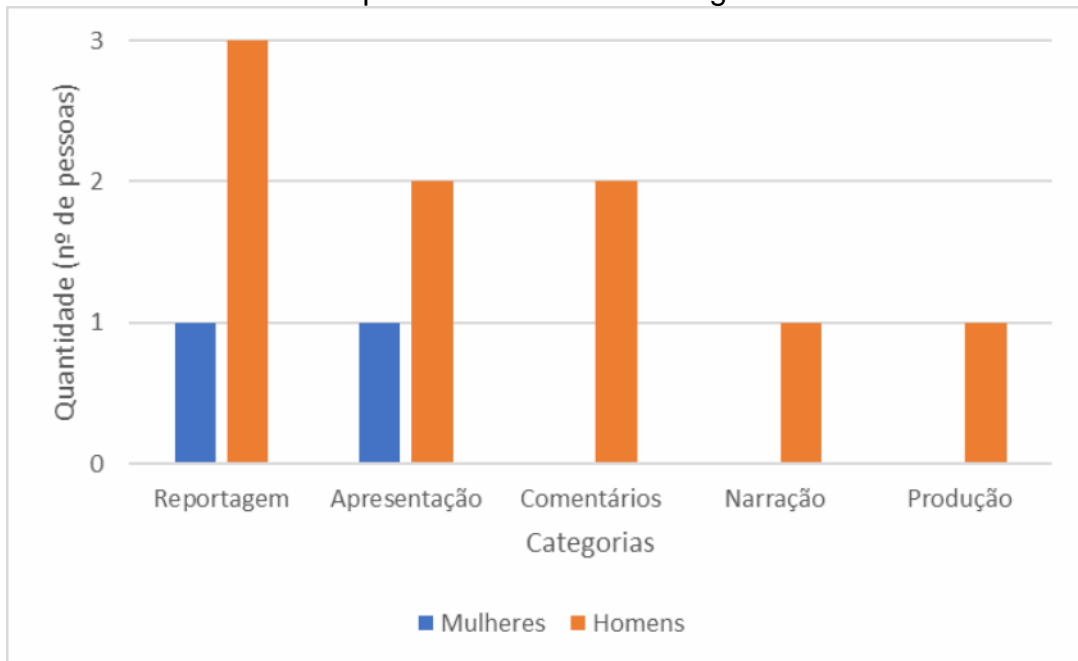
Quadro 9 – Grupos de cobertura da Copa do Mundo de 2022

Cobertura da Copa	
Catar	Mauro Más (reportagem/suporte comentários)
	Ana Inés Martínez
	Marcelo Scaglia
	Oscar Belo
Nacional	Eliana Dide (apresentadora de programas de lazer)
	Juio Ríos
	Martín Kesman (ganhador programa Masterchef)
	Luis Castro (produtor)

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Com relação ao Uruguai, os dados demonstraram que a equipe foi composta por oito homens e duas mulheres. Isso significa que somente 20% da equipe era mulher, a proporção mais baixa dentre as três emissoras avaliadas. A Figura 6 indica o número de participantes por categoria.

Figura 6 – Categorização da participação de homens e mulheres na cobertura da Copa do Mundo 2022 - Uruguai



Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Dentre os três países, o Uruguai foi o que demonstrou a menor participação de mulheres na Copa do Mundo de 2022. Apenas uma mulher foi responsável pelas reportagens no Catar (sem nenhuma participação em reportagem de campo) e a única mulher responsável pela apresentação do programa nacional dedicado à copa trabalhava com pautas ligadas à vestimenta das torcedoras e aos pratos culinários que poderiam ser desenvolvidos para consumo durante os jogos. Os comentários relacionados às partidas eram, quase que exclusivamente, realizados por homens.

Apesar disso, a presença de mulheres na cobertura da Copa do Mundo 2022 pelo Canal 10 é significativa quando se considera o cenário uruguaio com relação à desigualdade e ao machismo na aceitação de mulheres nessas posições. O futebol é uma parte importante da cultura uruguaia, tal como diversos países na América Latina, mas ainda carrega uma estrutura intrínseca de segregação e machismo no que tange ao ingresso de mulheres nesse espaço (MARTÍNEZ, 2021). Ainda assim, a premissa das dificuldades enfrentadas expõe o cenário uruguaio, especialmente, como a emissora com menor presença de mulheres na cobertura da copa do mundo, assim como na participação da grade esportiva. Ainda que o canal não possua muitos programas voltadas para esse aspecto, a presença feminina é consideravelmente baixa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta desse estudo objetivou avaliar as transmissões da Copa do Mundo de 2022 no Brasil, na Argentina e no Uruguai, com o intuito de identificar a presença feminina nesses espaços em atividades como narração, comentários, cobertura e até mesmo na análise dos jogos. O trajeto percorrido pelo estudo estruturou uma avaliação do esporte como elemento de emancipação feminina, a trajetória das mulheres no jornalismo e, especificamente, no jornalismo esportivo, e descreveu as atividades que norteiam a cobertura televisada de futebol como um referencial para nortear a análise das transmissões de 2022. Esse aporte teórico permitiu que a investigação compreendesse a estrutura utilizada por cada um dos países avaliados.

A análise, de um modo geral, foi organizada a partir das transmissões de três jogos de cada país, dando enfoque especificamente às partidas em que os times nacionais foram os protagonistas. A avaliação acabou se concentrando na 1ª rodada da fase de grupos, mas permitiu averiguar como a posição da mulher é consideravelmente diferente para cada um dos países analisados. É claro, faz-se importante ressaltar que a análise se limitou a emissoras com transmissões abertas. É possível a ampliação para emissoras pagas, podendo apresentar, ou um cenário diferente, ou um cenário semelhante.

Em um primeiro momento, cabe aqui destacar que o papel da mulher sempre foi de suporte. Esse papel de auxílio ainda pode ser observado nessa análise, especialmente no caso da narração de Galvão Bueno para com os comentários de Ana Thaís e na relação do comentarista uruguaio Martín Charquero para com as contribuições de Ana Inés Martínez. Em ambos os casos, a relação demonstrou uma condição de superioridade masculina para com o conhecimento feminino, isto é, os comentários realizados pelas mulheres eram praticamente ignorados pelos homens. Algumas reportagens relataram a forma como Galvão Bueno simplesmente não continuava ou não prosseguia a conversa quando Ana Thaís realizava comentários sobre o jogo. No caso do Uruguai, não se averiguou repercussão sobre essas atitudes.

As transmissões analisadas da Argentina, por outro lado, mostraram um cenário diferente. Quando comparado com o Brasil, exiba uma proporção maior de mulheres, e a atuação de Sofía Martínez e Angela Lerena foram constantes,

permitindo que seus comentários abrissem espaço para debates posteriores. É imprescindível dizer que, de modo mais amplo, Brasil e Argentina representam sim avanço na presença feminina nesses espaços, mas a amostra observada com relação à Argentina pareceu apresentar um ambiente mais integrativo e receptivo entre homens e mulheres. Com relação ao Uruguai, no entanto, o cenário não parece tão promissor. A presença das mulheres foi bastante limitada, embora deva se considerar que a equipe de cobertura era também pequena. Mas a proporção extremamente baixa de mulheres com relação aos homens serve como um indicativo do cenário enfrentado pelas profissionais nesse espaço.

A análise dos dados permite observar que a presença das mulheres nesses espaços não indica o fim do machismo, nem a vitória de uma luta. É sim um indicativo de mudança para com a visão que se tem do feminino nesses ambientes, especialmente nos casos do Brasil e da Argentina, que possuem Ana Thaís Matos como comentarista dos jogos do Brasil e Lola del Carril comentando os demais jogos da Copa do Mundo. No entanto, a resistência encontrada nesses espaços perpassa inúmeras questões, como a sexualização, a ideia de que elas não entendem o que falam e seu silenciamento, basta que se observe a forma como Galvão Bueno ignora Ana Thaís em diversos momentos.

Nos três casos, a presença de mulheres representa uma mudança significativa quando comparada a transmissões anteriores. No Brasil, a ampliação do quadro de mulheres presentes na cobertura da Copa do Mundo começou a ser ampliado em 2018. Na Argentina, esse movimento apresentou mais força agora em 2022. Os dados disponibilizados pelo Uruguai não são tão claros, especialmente com relação ao Canal 10. Há pouca informação referente ao quadro de funcionários, de produção e de redação, e os dados relativos ao grupo de cobertura da copa foram disponibilizados apenas pelos jornais eletrônicos do país.

Isso permite destacar algumas das limitações dessa pesquisa, relacionadas extensivamente à dificuldade de coleta de dados referentes, principalmente, ao Uruguai. A Televisión Pública e a TV Globo possuem inúmeros *sites* oficiais organizados, documentando as ações realizadas. Isso facilitou não apenas a coleta de dados, mas também a análise das próprias transmissões. No caso do Canal 10, os dados precisaram ser coletados em fontes secundárias, haja visto que o *site* oficial não disponibiliza informações com qualidade e facilidade. O mesmo se observou com as transmissões das partidas e dos programas, que precisaram ser

acessadas via YouTube, enquanto Argentina e Brasil tinham espaços específicos para a disponibilização dos jogos dos seus times.

Assim, as considerações obtidas ao longo dessa análise indicam que o Brasil tem sim protagonismo feminino em ambientes esportivos, ainda que precise trabalhar machismo, sexualização, preconceito, desigualdade e equidade, condições negativas para as mulheres que atuam nesse ambiente. Embora a Argentina esteja avançando, o quadro de profissionais do sexo feminino nesses espaços é relativamente menor. Ainda assim, não se deve ignorar o fato de que os demais jogos tiveram a presença de uma mulher como comentarista. Esses dois cenários demonstram como o Uruguai parece ainda estar no início do ingresso das mulheres no jornalismo esportivo, e ainda mais distante de sua presença na narração e nos comentários.

Estudos futuros podem ampliar o objeto de estudo, abrangendo um maior número de emissoras que tenham transmitido a Copa do Mundo para avaliar se isso é uma condição nacional ou se esse cenário limita apenas às emissoras analisadas. Pode-se, ainda, abranger outros eventos esportivos, investigando se esse movimento é uma demonstração mundial de mudança ou se as transformações são sociais e estão ocorrendo como efeito de uma mudança na mentalidade. Explorar diferentes aspectos permite apresentar uma visão mais ampla desse cenário e identificar quais lacunas ainda precisam ser preenchidas.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, T. A primeira jornalista profissional no Brasil. **ABRAJI**, abr. 2017. Disponível em: <https://abraji.org.br/noticias/a-primeira-jornalista-profissional-do-brasil>. Acesso em: 25 abr. 2023.
- ANDRADE, V. Copa do Mundo turbina audiência da Globo em até 400%; veja ibope dos jogos. **Notícias da TV**, dez. 2022. Disponível em: <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/copa-na-tv/copa-do-mundo-turbina-audiencia-da-globo-em-ate-400-veja-ibope-dos-jogos-94510>. Acesso em: 10 jul. 2022.
- ARAÚJO, E. A. de. **Mulheres e Futebol**: a cobertura e a transmissão da televisão aberta brasileira da Copa do Mundo 2019. 2021, 287 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Bauru, 2021. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/214582/araujo_ea_me_bauru.pdf?sequence=3&isAllowed=y. Acesso em: 3 maio 2023.
- ARAÚJO, E. A. de; VENTURA, M. de S. Gênero como categoria útil de análise no estudo sobre a representação jornalística de mulheres no futebol. **Ação Midiática**, n. 25, p. 1-19, jan./jun. 2023.
- ARAÚJO, E. A. de; VENTURA, M. de S. Mulheres no jornalismo esportivo brasileiro: uma análise da atuação profissional sob o olhar do mercado de trabalho. **Revista ComHumanitas**, v. 11, n. 1, p. 5-19, 2020.
- AYRES, M. de la B. **Diversidade na Tela**: Um estudo sobre a estrutura dos telejornais no Uruguai e na Argentina. 2009, 148 f. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/92643/267880.pdf?sequence=1>. Acesso em: 17 maio 2023.
- BANDEIRA, A. P. A mulher no jornalismo brasileiro: o mundo do trabalho delas no mais antigo e no mais vendido jornal do país. **Revista Pautal Geral**, Ponta Grossa, v. 6, n. 2, p. 140-152, jul./dez. 2019.
- BANDY, S. J. Estudos de gênero e esportes: uma perspectiva histórica. **Ponto Urbe**, v. 29, 2021. Disponível em: <https://journals.openedition.org/pontourbe/11510>. Acesso em: 12 abr. 2023.
- BARBEIRO, H.; LIMA, P. R. de. **Manual de Radiojornalismo**. São Paulo: Campus, 2002.
- BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo** – 1. Fatos e Mitos. 4. ed. Tradução de Sergio Milliet. Rio de Janeiro: Bertrand (Difusão Europeia do Livro), 1970. *E-book*. Disponível em: <https://joacamillopenna.files.wordpress.com/2018/03/beauvoir-o-segundo-sexo-volume-11.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2023.

BECKER, B. **Televisão e telejornalismo: transições**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2022.

BERNACHO, A. J. L. **La Profesionalización Del Fútbol Femenil En América Latina: un Logro Feminista En México y Argentina**. 2022, 135 f. Dissertação (Mestrado em Humanidades e Estudos Latinoamericanos) – Universidad Autónoma del Estado de México, Toluca, 2022. Disponível em: <http://ri.uaemex.mx/bitstream/handle/20.500.11799/138212/TesisAJLB.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 10 jun. 2023.

BILOSKY, A. ¿Quién relata a la Argentina en la TV Pública, Tyc Sports, Directv y otros canales? **BolaVIP**, nov. 2022. Disponível em: <https://bolavip.com/ar/seleccionargentina/Quien-relata-a-la-Argentina-en-la-TV-Publica-Tyc-Sports-Directv-y-otros-canales-F22-Q22-20221122-0019.html>. Acesso em: 10 jul. 2022.

BORGES, A. V. F. **A dimensão do uso das mídias sociais no ativismo feminista na contemporaneidade**. 2020, 34 f. Monografia (Curso de Terapia Ocupacional) – Universidade de Brasília, Brasília, 2020. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/27885/1/2020_AnnaVitoriaFerreiraBorges_tcc.pdf. Acesso em: 13 abr. 2023.

BOURDIEU, P. **Como se pode ser esportivo?** Questões de Sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BRASIL. Público da Copa supera os 3,165 milhões de torcedores. **Casa Civil**, jun. 2014. Disponível em: <https://www.gov.br/casacivil/pt-br/assuntos/noticias/2014/07/publico-da-copa-supera-os-3-165-milhoes-de-torcedores>. Acesso em: 10 jun. 2023.

BRITO, G. S. de. **O Baiano e a Televisão: a história das transmissões televisivas do Campeonato Baiano de Futebol**. 2009, 50 f. Monografia (Curso de Comunicação Social) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/31074/1/Monografia_versao_final.pdf. Acesso em: 16 maio 2023.

BUENO, N. C.; MARQUES, J. C. Jornalismo esportivo e relações de gênero: o espaço para a participação feminina. **Comunicação & Inovação**, v. 21, n. 45, p. 110-128, 2020.

BUTLER, J. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CAMPOI, I. C. O livro "Direitos das mulheres e injustiça dos homens" de Nísia Floresta: literatura, mulheres e o Brasil do século XIX. **História**, Franca, v. 30, n. 2, p. 196-213, dez. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/his/a/rxXDkxX8hshjGT9vsDwbndx/?lang=pt>. Acesso em: 13 abr. 2023.

CANAL 10. “**Sangre de campeones**”: La historia del fútbol uruguayo, 2023. Disponible en: <https://www.canal10.com.uy/sangre-campeones-la-historia-del-futbol-uruguayo-n881833>. Acceso en: 17 maio 2023.

CANAL 10. **El canal Uruguayo**. 2023a. Disponible en: <https://www.canal10.com.uy/>. Acceso en: 17 maio 2023.

CANAL 10. **Punto Penal**, 2023. Disponible en: <https://www.canal10.com.uy/contenidos/punto-penal.html>. Acceso en: 17 maio 2023.

CARVALHO, A. L. B. A desigualdade de gênero no âmbito desportivo Percebida a partir de disparidades na valorização econômica de atletas no futebol. **Revista da Defensoria Pública**, Porto Alegre, v. 1, n. 32, p. 79-99, 2023.

CASADEI, E. B. A inserção das mulheres no jornalismo e a imprensa alternativa: primeiras experiências no final do século XIX. **Revista Alterjor**, v. 1, n. 3, p. 1-10, jan./jun. 2011.

CASTRO, P. R. de. As lutas feministas e sua articulação pelas mídias digitais: percepções críticas. **Revista Katálysis**, Florianópolis, v. 23, n. 3, p. 459-469, set./dez. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rk/a/WyNY3BCFGf8CW8cZs6HhFqp/?lang=pt>. Acesso em: 13 abr. 2023.

CERQUEIRA, L.; GOMES, E. Telejornalismo remoto: O que pode se incorporar à rotina das redações e dos profissionais. In: EMERIM, C.; PEREIRA, A.; COUTINHO, I. (org.) .A (Re) **Invenção do Telejornalismo em tempos de pandemia**. Florianópolis: Insular, 2020. p. 163-176.

CERVO, A. L. BERVIAN, P. A. **Metodologia científica**. 5.ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

CHAMBERS, D.; STEINER, L.; FLEMMING, C. **Women and journalism**. London: Routledge, 2004. *E-book*.

CHARRON, J.; BONVILLE, J. de. **Natureza e transformação do jornalismo**. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2023. *E-book*.

CÔRREA, A. A incrível trajetória da jornalista pioneira que, há 130 anos, deu a volta ao mundo em 72 dias. **BBC News**, fev. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-51304339>. Acesso em: 25 abr. 2023.

COSTA, L. Marta *versus* Neymar. A “Guerra dos Sexos” nos Jogos Olímpicos 2016. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 42., 2019, Belém. **Anais eletrônicos [...]**. Belém: UFP, 2019. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-1423-1.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2023.

CRIBEIRO, A. de la C. F.; ÁGUILA, O. B. Otra mirada a las masculinidades: un enfoque normativo-comunicacional. **Estudios Del Desarrollo Social: Cuba Y América Latina**, v. 11, n. 2, p. 409-418, 2023.

CUNHA, L. L. N. A antipolítica de gênero no governo Bolsonaro e suas dinâmicas de violência. **Revista de Estudios Brasileños**, Salamanca, v. 7, n. 14, p. 49-61, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/reb/article/view/176467/163971>. Acesso em: 13 abr. 2023.

DELAJUSTINE, A. C. O Feminismo como Enfrentamento do Biopoder em uma Sociedade Patriarcal. *In*: CONGRESSO BIOPOLÍTICA E DIREITOS HUMANOS, 1., 2018, Ijuí. **Anais eletrônicos [...]**. Ijuí: UNIJUÍ, 2018. Disponível em: <https://publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/conabipodihu/article/view/9328>. Acesso em: 11 abr. 2023.

DEUZE, M.; WITSCHGE, T. O que o jornalismo está se tornando. **Revista Parágrafo**, v. 4, n. 2, p. 8-20, jul. 2016. Disponível em: <https://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/478/445>. Acesso em: 3 maio 2023.

DOURADO, S. P. da C.; TRIVILIN, M. I. Esporte e sociedade: gênero como categoria de análise na prática do xadrez. **Porto Urbe**, São Paulo, v. 27, 2020. Disponível em: <https://journals.openedition.org/pontourbe/8916>. Acesso em: 12 abr. 2023.

ESTADÃO. **Mais de 3,2 bilhões de pessoas assistiram à Copa do Mundo 2014**, dez. 2015. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/esportes/futebol/mais-de-3-2-bilhoes-de-pessoas-viram-a-copa-em-2014/#:~:text=A%20Copa%20mais%20bilion%C3%A1ria%20da,decis%C3%A3o%20da%20Copa%20do%20Mundo>. Acesso em: 10 jun. 2023.

ESTADÃO. **Quem é Renata Silveira, primeira mulher a narrar jogo de Copa na TV aberta**: era a 'garota da voz', nov. 2022. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/esportes/futebol/quem-e-renata-silveira-primeira-mulher-a-narrar-um-jogo-de-copa-do-mundo-na-tv-aberta/>. Acesso em: 15 maio 2023.

FARIAS, C. M. de. **Sonhos, lutas e conquistas**: projeção e emancipação social das mulheres brasileiras nos esportes, 1932-1979. 2012, 246 f. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/16014/Tese-claudia-maria-de-farias.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 12 abr. 2023.

FELDMANN, A. F. **Feminismo em Pauta**: um estudo sobre mulheres e jornalismo alternativo. 2018, 151 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

FERNANDEZ, B. P. M. Teto de Vidro, Piso Pegajoso e Desigualdades de Gênero no Mercado de Trabalho Brasileiro à Luz da Economia Feminista: porque as iniquidades persistem? **Revista Cadernos do Campo**, Araraquara, n. 26, p. 79-103, jan./jun 2019.

FERRARETTO, L. A.; MORGADO, F. Uma proposta de periodização para a história da TV no Brasil. *In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA*, 12., 2019, Natal. **Anais eletrônicos [...]**. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2019. p. 1-15. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/201018/001104470.pdf?sequence=1>. Acesso em: 16 maio 2023.

FERREIRA, H. J.; SALLES, J. G. C.; MOURÃO, L. Inserção e permanência de mulheres como treinadoras esportivas no Brasil. **Revista de Educação Física da UEM**, v. 26, n. 1, p. 21-29, 2015.

FERREIRA, H. J.; SALLES, J. G. C.; MOURÃO, L.; MORENO, A. A baixa representatividade de mulheres como técnicas esportivas no Brasil. **Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 3., p. 103-124, jul.-set./2013. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/29087>. Acesso em: 12 abr. 2023.

FERRO, 2021. Narradoras em Transmissões Esportivas no Brasil: Mapeamento Histórico da Presença Feminina na Narração em Veículos de Rádio, Televisão e Internet. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO*, 44., 2021, *online*. **Anais eletrônicos [...]**. 2021. 15 p.

FREITAS, B.; MONTAGNANA, L.; CARNEIRO, L. “Intrusas” no gramado – Como o ambiente machista ataca as mulheres que trabalham com esporte. **Uol**, São Paulo, [201-?]. Disponível em: <https://www.uol/esporte/especiais/mulheres-e-o-jornalismo-esportivo-na-tv.htm#intrusas-no-gramado>. Acesso em: 3 maio 2023.

GARCIA, C. C. O gênero e as práticas esportivas das mulheres. Alguns pontos de discussão em psicologia social e do esporte. **Psicologia Revista**, São Paulo, v. 27, n. especial, p. 497-517, 2018.

GARRONI, L. M.; GUIMARÃES, H. C. Feminism, Ideology, and the Law: the role of women in the literary works *The Handmaid’s Tale* and *The Power*. **Anamorphosis – Revista Internacional de Direito e Literatura**, v. 7, n. 1, p. 139-158, jan./jun. 2021.

GASPARINO, H. **Estudo da transmissão esportiva na televisão brasileira**. 2013, 75 f. Monografia (Curso de Comunicação Social) – Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2013.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. *E-book*. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>. Acesso em: 04 jul. 2023.

GIBIM, A. P. P. G. Infância e diálogos feministas: representações das crianças sobre as mulheres na sociedade patriarcal. *In: SILVA, A. A.; FARIA, A. L. G. de.; FINCO, D. “Isso aí é rachismo!”* Feminismo em estado de alerta na educação das crianças pequenas: transformações emancipatórias para pedagogias descolonizadoras. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019. 257p. *E-book*.

GLOBAL MEDIA MONITORING PROJECT – GMMP. **The Global Media Monitoring Project 2015**. Toronto: GMMP, 2015. *Available at:*

https://whomakesthenews.org/wp-content/uploads/who-makes-the-news/Imported/reports_2015/highlights/highlights_en.pdf. Accessed: 25 Apr. 2023.

GODOY, J. M. de; MAGNONI, A. F. Breve Painel Histórico e de Perspectivas da TV Brasil e do Canal 7 Argentina. *In: CONFERÊNCIA BRASILEIRA DE MÍDIA CIDADÃO*, 10., 2015, Bauru. **Anais eletrônicos [...]**. Bauru: UNESP, 2015. p. 1-5. Disponível em:

https://www.academia.edu/15513870/Breve_Painel_Hist%C3%B3rico_e_de_Perspectivas_da_TV_Brasil_e_do_Canal_7_Argentina. Acesso em: 16 maio 2023.

GOMES, I. M. M. O Jornal Nacional e as estratégias de sobrevivência econômica e política da Globo no contexto da ditadura militar. **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**, v. 17, n. 2, p. 5-14, 2010.

GOMES, T. de M. 60 anos da primeira partida de futebol na TV argentina. **Futebol Portenho**, nov. 2011. Disponível em: <https://www.futebolportenho.com.br/60-anos-da-primeira-partida-de-futebol-na-tv-argentina/#:~:text=No%20dia%2018%20de%20novembro,do%20Cicl%C3%B3n%20o%20Viejo%20Gasometro>. Acesso em: 4 jun. 2023.

GÖTZ, C. A presença feminina no panorama da narração esportiva no rádio portolegrense. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana, v. 13, n. 1, p. 167-189, 2022. Disponível em:

<https://periodicos.ufop.br/radiofonias/article/view/5464/5041>. Acesso em: 10 jun. 2023.

HALL, M. A. **Feminism and sporting bodies: Essays on theory and practice**. Champaign, IL: Human Kinetics, 1996. *E-book. Available at:*

<https://archive.org/details/feminismsporting0000hall>. Accessed: April 12, 2023.

HALL, S. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

INGIZZA, C. Vozes da Copa: as mulheres que estreiam como locutoras e comentaristas no Catar. **Marie Claire – O Globo**, nov. 2022. Disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/retratos/noticia/2022/11/vozes-da-copa-as-mulheres-que-estreiam-como-locutoras-e-comentaristas-no-catar.html>. Acesso em: 15 maio 2023.

JANUÁRIO, S. B.; LIMA, C. A. R.; LEAL, D. Futebol de mulheres na agenda da mídia: uma análise temática da cobertura da Copa do Mundo de 2019 em sites jornalísticos brasileiros. **Observatorio Journal**, v. 14, n. 4, p. 42-62, 2020.

JANUÁRIO, S. M. B. B. Copa do Mundo e Futebol das Mulheres: a cobertura midiática nas edições de 2015 e 2019, numa perspectiva de gênero. **Mosaico - Revista Multidisciplinar de Humanidades**, Vassouras, v. 14, n. 1, p. 2-13, 2023.

JORNAL NACIONAL. TV Globo estreia nova identidade visual. **G1**, dez. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2021/12/01/globo-estrela-nova-identidade-visual.ghtml>. Acesso em: 17 maio 2023.

JORNALISMO ULBRA. Mulheres driblam machismo para conquistar o seu espaço no jornalismo esportivo. **Medium**, abr. 2019. Disponível em: <https://medium.com/@jornalismoulbra/igualdade-de-g%C3%AAnero-o-principal-desafio-do-jornalismo-esportivo-37a20c130d86>. Acesso em: 15 jun. 2023.

KARLS, C. E.; SILVA, C. S. G. da. O Brasil entre duas Copas: comunicação e inovação nos campeonatos mundiais de futebol de 1950 e 2014. **Triade – Comunicação, Cultura e Mídia**, v. 7, n. 16, p. 163-193, 2019.

KOSHIYAMA, A. M. Mulheres jornalistas na imprensa brasileira. *In*: BARBOSA, M. (Org.). **Estudos de jornalismo**. Campo Grande: Intercom, 2001. p. 33-41.

KOSHIYAMA, A. M.; REIMBERG, C. O. Sentido do trabalho, sofrimento e prazer para as trabalhadoras jornalistas. *In*: AGUIAR, L.; SILVA, M. P. da; MARTINEZ, M. (Org.). **Desigualdades, relações de gênero e estudos de jornalismo**. São Paulo: *Life*, 2018. p. 19-34.

LAKATOS, E. V.; MARCONI, M. A. **Metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2004.

LIMA, S. P.; MICK, J.; NICOLLETTI, J.; BARROS, J. V.; HENRIQUES, R. P.; MOLIANI, J. A.; PATRÍCIO, E.; PEREIRA, F. H.; ZACARIOTTI, M. **Perfil do Jornalista Brasileiro 2021**. Características sociodemográficas, políticas, de saúde e do trabalho. Florianópolis: Quorum Comunicação, 2022.

LOGOPEDIA. **Canal 10 (Uruguay)/Logos variantes**, 2023. Disponível em: [https://logos.fandom.com/es/wiki/Canal_10_\(Uruguay\)/Logos_variantes](https://logos.fandom.com/es/wiki/Canal_10_(Uruguay)/Logos_variantes). Acesso em: 17 maio 2023.

LONGO, G. de A. **Jogos Abertos do Interior: a cobertura esportiva paulista**. 2022, 138 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27164/tde-22112022-164548/publico/GustavodeAraujoLongo.pdf>. Acesso em: 3 maio 2023.

LOURENÇO, O. B.; MONTEIRO, V. A. do N.; SILVA, L. B.; D'AURIA, B. B.; SANTOS, S. M. dos. A cobertura jornalística das copas de 2019 no *Globoesporte.com*: indícios da midiatização do futebol de mulheres. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 44, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbce/a/Y9cY3z9bDKpD8XcST383pry/?lang=pt>. Acesso em: 10 jun. 2023.

MARINO, K. M. From women's rights to human rights: The influence of Pan-American feminism on the United Nations. *In*: ADAMI, R.; PLESCH, D. (Eds.). **Women and the UN: A New History of Women's International Human Rights**. New York: Routledge, 2021. p. 1-16. *E-book*. Available at:

<https://library.oapen.org/bitstream/handle/20.500.12657/49539/9781000418767.pdf?sequence=1#page=28>. Accessed: April 12, 2023.

MARTÍNEZ, S. Las mujeres en el fútbol: entre la desigualdad y la expansión. **La Diaria Feminismos**, jan. 2021. Disponível em: <https://ladiaria.com.uy/feminismos/articulo/2021/1/las-mujeres-en-el-futbol-entre-la-desigualdad-y-la-expansion/>. Acesso em: 11 jul. 2023.

MATIAS, W. B.; MASCARENHAS, F. “Olho no Lance”: a relação entre mídia e futebol. **Tropos: Comunicação, Sociedade e Cultura**, v. 8, n. 2, p. 1-25, 2019.

MEIJER, I.; KORMELINK, T. Checking, sharing, clicking and linking: changing patterns of news use between 2004 and 2014. **Digital Journalism**, v. 3, n. 5, p. 664-679, 2015.

MELO, H. P. de; THOMÉ, D. **Mulheres e Poder**: histórias, ideias e indicadores. Rio de Janeiro: FGV, 2018. *E-book*.

MEMÓRIA GLOBO. Primeira transmissão de futebol na Globo. **Esporte Espetacular**, mar. 2022. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/esporte/telejornais-e-programas/esporte-espetacular/reportagens/noticia/primeira-transmissao-de-futebol-na-globo.ghtml>. Acesso em: 16 maio 2023.

MEZZAROBA, C.; PIRES, G. de L. Breve panorama histórico do voleibol: do seu surgimento à espetacularização esportiva. **Atividade Física, Lazer e Qualidade de Vida: Revista de Educação Física**, v. 2, n. 2, p. 3-19, 2011. Disponível em: <https://refisica.uea.emnuvens.com.br/refisica/article/view/16>. Acesso em: 3 maio 2023.

MONTEIRO, V. Como as mulheres estão fazendo a diferença na cobertura e nas transmissões esportivas. **Meio & Mensagem**, jul. 2022. Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/womentowatch/como-as-mulheres-estao-fazendo-a-diferenca-na-cobertura-e-nas-transmissoes-esportivas>. Acesso em: 3 maio 2023.

MOURA, D. L.; BENTO, G. dos S.; SANTOS, F. O. dos; LOVISOLO, H. Esporte, Mulheres e Masculinidades. **Esporte e Sociedade**, v. 5, n. 13, p. 1-22, 2010.

MOURA, G. X. de; TASCA, L. C. Gênero, corpo e legislação esportiva brasileira. *In: SIMPÓSIO GÊNERO E POLÍTICAS PÚBLICAS*, 6., 2020, *online*. **Anais [...]**. [S. l.]: *online*, 2020. p. 1-18.

NEGÓCIOS GLOBO. **A cobertura geográfica das exibidoras Globo em detalhes**: os municípios cobertos, os domicílios com TV e o IPC, entre outros, out. 2022. Disponível em: <https://negocios8.redeglobo.com.br/paginas/brasil.aspx>. Acesso em: 10 jun. 2023.

NICOLETE, J. N. Machismo e Violência de Gênero: “Imagina na Copa”. **Educação em Revista**, Marília, v. 21, ed. esp., p. 55-72, 2020.

OBSERVATÓRIO DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO FUTEBOL. **Machismo ainda assombra mulheres nos estádios de futebol**, mar. 2023. Disponível em: https://observatorioracialfutebol.com.br/machismo-ainda-assombra-mulheres-nos-estadios-de-futebol/?utm_source=rss&utm_medium=rss&utm_campaign=machismo-ainda-assombra-mulheres-nos-estadios-de-futebol. Acesso em: 15 maio 2023.

OLIVEIRA, A. P.; DE OLIVEIRA, N. L. A mulher no jornalismo esportivo. **Revista Observatório**, v. 3, n. 5, p. 402-424, ago. 2017.

OLIVEIRA, A. P.; OLIVEIRA, N. L. de. A Mulher no Jornalismo Esportivo. **Revista Observatório**, Londrina, v. 3, n. 5, p. 402-424, 2017. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/3326>. Acesso em: 3 maio 2023.

OLIVEIRA, L. B. de. **No Brasil só tem futebol?** Uma análise sobre a relação da televisão aberta com os esportes praticados no país: o caso Globo e Jogos Olímpicos de 2016. 2020, 120 f. Monografia (Curso de Comunicação Social) – Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

OLIVEIRA, M. F. de. **Metodologia Científica**: um manual para a realização de pesquisas em administração. Catalão: UFG, 2011. 72 p. *E-book*. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/567/o/Manual_de_metodologia_cientifica_-_Prof_Maxwell.pdf. Acesso em: 4 jul. 2023.

OSELAME, M. C. **Fim da notícia**: o “engraçadismo” no campo do jornalismo esportivo de televisão. 2012, 153 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

PACHECO, L. T.; SILVA, S. R. da. Mulheres e jornalismo esportivo: possibilidades e limitações em um campo masculino. **Revista Estudos Feministas**, v. 28, n. 3, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/YWnfSyZZcTZCbZs3bkvZSPQ/?lang=pt>. Acesso em: 3 maio 2023.

PADEIRO, C. H. de S. **O predomínio do entretenimento no jornalismo esportivo brasileiro**. 2015, 126 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

PADILLA, I. Quantos títulos em Copas do Mundo tem a América do Sul? **Revista Exame**, dez. 2022. Disponível em: <https://exame.com/esporte/quantos-titulos-em-copas-do-mundo-tem-a-america-do-sul/>. Acesso em: 4 jun. 2023.

PATATT, C. **O Telejornalismo Esportivo Brasileiro Durante a Pandemia de COVID-19**: uma análise ao programa Redação SporTV. 2021, 123 f. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) – Universidade Beira Interior, Covilhã, 2021. Disponível em: https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/11862/1/8490_18335.pdf. Acesso em: 13 maio 2023.

PEREIRA, A. B. II - A mulher e o esporte: do desafio da desigualdade ao desacerto com as questões de gênero. *In*: RUBIO, K.; CAMILO, J. A. de O. (Org.). **Psicologia**

Social do Esporte. São Paulo: Képos, 2019. p. 37-66. *E-book*. Disponível em:

[https://www.researchgate.net/profile/Katia-](https://www.researchgate.net/profile/Katia-Rubio/publication/333486343_Psicologia_Social_do_Esporte/links/5cefecec92851c4dd01ba9e6/Psicologia-Social-do-Esporte.pdf#page=39)

[Rubio/publication/333486343_Psicologia_Social_do_Esporte/links/5cefecec92851c4dd01ba9e6/Psicologia-Social-do-Esporte.pdf#page=39](https://www.researchgate.net/profile/Katia-Rubio/publication/333486343_Psicologia_Social_do_Esporte/links/5cefecec92851c4dd01ba9e6/Psicologia-Social-do-Esporte.pdf#page=39). Acesso em: 13 abr. 2023.

PERROT, M. **Minha história das mulheres.** Tradução de Angela M. S. Correa. São Paulo: Contexto, 2007.

PINHEIRO, A. L. L. Direitos Humanos das Mulheres. *In*: FONTOURA, N.; REZENDE, M.; QUERINO, A. C. (Org.). **Beijing +20: avanços e desafios no Brasil contemporâneo.** Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2020. *E-book*. Disponível em:

https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10321/1/DireitosHumanosdasMulheres_Cap_9.pdf. Acesso em: 12 abr. 2023.

PIRES, G. de L. **A Educação Física e o discurso midiático: abordagem crítico-emancipatória.** 2002, 232 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002. Disponível em:

<https://www.repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/206297>. Acesso em: 3 maio 2023.

PRADO, F. M.; RIBEIRO, A. L. de A.; FERES NETO, A. Ferramentas Digitais no Esporte: O telespectador no campo. **South American Journal of Basic Education, technical and Technological**, Rio Branco, v. 6, n. 1, p. 118-127, 2019.

QUEIROZ, L. K. **A Atuação da Sociedade Civil durante a aprovação da lei de serviços de comunicação audiovisual do Uruguai.** 2018, 200 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2018. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/190031256.pdf>. Acesso em: 17 maio 2023.

RÁDIO GAZETA. **#24 mulheres na cobertura esportiva (Regiani Ritter)**, ago. 2021. Disponível em: <https://www.radiogazetaonline.com.br/mulheres-na-cobertura-esportiva/>. Acesso em: 3 maio 2023.

RÁDIO Y TELEVISIÓN ARGENTINA – RTA. Quiénes somos. [S. d.]. Disponível em: <https://www.radiotelevision.ar/quienes-somos/#>. Acesso em: 16 maio 2023.

REDAÇÃO GE. Brasil x Sérvia: onde assistir, horário do jogo e escalações. **Globo Esporte**, nov. 2022. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/copa-do-mundo/noticia/2022/11/23/brasil-x-servia-veja-onde-assistir-escalacoes-e-horario.ghtml>. Acesso em: 11 jun. 2023.

RODRIGUES, K. B. S. Análise do padrão de beleza de mulheres jornalistas em telejornais dos conglomerados midiáticos. *In*: UENO, L. M. M. (Org.). **Gênero, Corpo e Sexualidades.** Londrina: LEDI, 2022. p. 68-80. *E-book*. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Beatriz-Molari/publication/366673250_Entre_o_belo_e_o_consumo_as_representacoes_sociais_da_beleza/links/63adebe6097c7832ca75b702/Entre-o-belo-e-o-consumo-as-representacoes-sociais-da-beleza.pdf#page=70. Acesso em: 25 abr. 2023.

- ROSSI, M. #DeixaElaTrabalhar: a nova investida de mulheres jornalistas contra o machismo. **El País**, mar. 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/23/politica/1521823054_844544.html. Acesso em: 10 jun. 2023.
- ROTTENBERG, C. Women Who Work: The limits of the neoliberal feminist paradigm. **Gender Work Organization**, v. 26, n. 8, p. 1073-1082, 2018. Available at: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/gwao.12287>. Accessed: April 12, 2023.
- RUBIO, K.; SIMÕES, A. C. De espectadoras a protagonistas - a conquista do espaço esportivo pelas mulheres. **Movimento (UFRGS)**, Porto Alegre, v. 5, n. 11, p. 50-56, 2007.
- RUBIO, K.; VELOSO, R. C. As Mulheres no Esporte Brasileiro: entre os campos e de enfrentamento e a jornada heroica. **Revista USP**, São Paulo, n. 122, p. 49-62, jul./ago./set. 2019.
- RUTILLI, M.; GÖTZ, C. A. F. As vozes da emoção: perfil dos narradores esportivos do rádio gaúcho na atualidade. **Revista Interamericana de Comunicação Midiática**, Santa Maria, v. 21, n. 47, p. 334-355, 2022.
- SANTOS, G. R. R. dos. **O esporte sob uma perspectiva de empoderamento feminino**: uma análise do programa Uma Vitória Leva à Outra. 2022, 63 f. Monografia (Curso de Gestão de Políticas Públicas) – Universidade de Brasília, Brasília, 2022. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/34182/1/2022_GiovannaRochaRodriguesDosSantos_tcc.pdf. Acesso em: 22 abr. 2023.
- SANTOS, S. M. dos; FURTADO, S.; POFFO, B. N.; VELASCO, A. P.; SOUZA, D. L. de. Mídia e Jogos Paralímpicos no Brasil: a cobertura da Filha de São Paulo entre 1992 e 2016. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 41, n. 2, p. 190-197, 2019.
- SANTOS, S. M. dos; MEZZARROBA, C.; SOUZA, D. L. de. Jornalismo esportivo e infotainment: a (possível) sobreposição do entretenimento à informação no conteúdo jornalístico do esporte. **Corpoconsciência**, Cuiabá, v. 21, n. 2, p. 93-106, mai./ago. 2017.
- SANTOS, S.; FIGUEIRA, J. (Des)informação em tempos de incerteza: jornalismo, democracia e redes sociais. **Mediapolis**, n. 11, p. 5-9, 2020. Disponível em: https://impactum-journals.uc.pt/mediapolis/article/view/2183-6019_11_0. Acesso em: 3 maio 2023.
- SANTOS, V. de A. **As bolas da vez**: a invasão das mulheres no jornalismo esportivo televisivo brasileiro. 2012. 40 f. Monografia (Especialização em Comunicação Social) - Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2012.
- SARMENTO, R. O feminismo no jornalismo. **Cadernos Pagu**, v. 58, 2020. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/cpa/a/3MddGPLqFwZxVpdSqCdbZXH/?lang=pt>. Acesso em: 25 abr. 2023.

SCHINNER, C. F. **Manual dos Locutores Esportivos**. São Paulo: Panda, 2004.

SCHULIAQUER, I. Comunicación política en Uruguay: El gobierno de José Mujica, los medios y el periodismo. **In Mediaciones de la Comunicación**, v. 17, n. 1, p. 55-79, 2022.

SILVA NETO, H. H. M. da. Liberdade interpretativa e jornalismo esportivo no Brasil: um universo para pesquisa. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PESQUISAS EM MÍDIA E COTIDIANO, 7., 2018, Niterói. **Anais eletrônicos [...]**. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2018.

SILVA, B. S.; MARTINS, M. Z. Ensinando o esporte a partir do ponto de vista feminista: tensões da epistemologia feminista para a pedagogia do esporte. **Corpoconsciência**, Cuiabá, v. 27, p. 1-16, 2023.

SILVA, J. P. A. de; CARMO, V. M. do; RAMOS, G. B. J. R. As Quatro Ondas do Feminismo: Lutas e Conquistas. **Revista de Direitos Humanos em Perspectiva**, v. 7, n. 1, p. 101-122, jan./jul. 2021.

SILVA, L. B.; SILVA, M. P. da; SANTOS, S. M. dos. A desertificação midiática do jornalismo esportivo local: um estudo exploratório no contexto sul-mato-grossense. **Movimento**, v. 28, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mov/a/KjL5MwLnDr67wXMSLHccX9D/?lang=pt>. Acesso em: 3 maio 2023.

SILVA, R. L.; CARMO, E. G. de; FUKUSHIMA, R. L. M.; RODRIGUES, N. H.; SCHWARTZ, G. M. A Mulher nos Esportes de Aventura: notas sobre o empoderamento feminino. **Revista Hipótese**, Itapetininga, v. 4, n. 3, p. 156-174, 2018.

SOUSA, L. E. **A mulher jornalista**: Análise da postura de repórteres telejornalistas esportivas mediante situação de machismo e assédio em coberturas de desporto. 2023, 115 f. Monografia (Curso de Jornalismo) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2023.

SOUSA, L. S. C. S. **Cobertura Esportiva na televisão**: jornalismo ou entretenimento? 2005, 159 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/3427>. Acesso em: 3 maio 2023.

TAVARES JUNIOR, C. A. Jornalismo esportivo: o que é. **Revista Pauta Geral Estudos em Jornalismo**, Ponta Grossa, v. 4, n. 2, p. 38-59, jul./dez 2017.

TELEVISIÓN PÚBLICA – TVP. **Por primera vez en la historia de la TV argentina, una mujer comentará un partido de la Selección**, out. 2020. Disponível em: <https://www.tvpublica.com.ar/post/por-primera-vez-en-la-historia-de-la-tv-argentina-una-mujer-comentara-un-partido-de-la-seleccion>. Acesso em: 4 jul. 2023.

TUBAMOTO, F. T. Galvão Bueno é acusado de machismo por ignorar comentarista Ana Thaís Matos. **Estado de Minas**, nov. 2022. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/diversidade/2022/11/29/noticia-diversidade,1427343/galvao-bueno-e-acusado-de-machismo-por-ignorar-comentarista-ana-thais-matos.shtml>. Acesso em: 10 jun. 2023.

UOL ESPORTE. **Copa do Mundo entrega audiência-recorde na TV ao redor do planeta**, dez. 2022a. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/lancepress/2022/12/01/copa-do-mundo-entrega-audiencia-recorde-na-televisao-ao-redor-do-planeta.htm>. Acesso em: 10 jul. 2023.

UOL ESPORTE. **Repórter da ESPN sofre assédio durante cobertura no Maracanã**, set. 2022b. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/ultimas-noticias/enm/2022/09/07/reporter-da-espn-sofre-assedio-durante-cobertura-no-maracana.htm>. Acesso em: 10 jun. 2023.

VASCONCELOS, D. A relação ideológica das organizações globo com o governo militar de 1964. *In*: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO DA REGIÃO NORDESTE, 21., 2019, São Luís. **Anais eletrônicos[...]**. São Luís: UFMA, 2019. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2019/resumos/R67-1400-1.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2023.

VENANCIO, R. D. O. Performance no gramado, poética no texto: a crônica e o conto de futebol como jornalismo esportivo alternativo. **Revista Altejour**, v. 2, n. 18, p.1-26, 2018.

VIEIRA, L. de. **Métricas Editoriais no Jornalismo Online: ética e cultura profissional na relação com audiências ativas**. 2018, 393 f. Tese (Doutorado em Jornalismo) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

WARKEN, J. Galvão tem atitude machista e arrogante em conversa com Sandra Annenberg. **Cláudia**, jan. 2020. Disponível em: <https://claudia.abril.com.br/famosos/galvao-tem-atitude-machista-e-arrogante-em-conversa-com-sandra-annenberg>. Acesso em: 10 jun. 2023.

WEBER, M. **Metodologia das Ciências Sociais**. Tradução de Augustin Wernet. São Paulo: Cortez, 2022.

XIU, L.; GUNDERSON, M. Glass Ceiling or Sticky Floor?: Quantile regression decomposition of the gender gap in China. **International Journal of Manpower**, v. 35, n. 3, p. 306-326, 2014.

ZANON, P. Invisíveis no Catar, mulheres fazem história na transmissão da Copa do Mundo. **Notícias da TV**, nov. 2022. Disponível em: <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/copa-na-tv/invisiveis-no-catar-mulheres-fazem-historia-na-transmissao-da-copa-do-mundo-92854>. Acesso em: 11 jun. 2023.

ZHANG, Z.; RUVALCABA, D. M. Fútbol y Poder Nacional: un Marco Teórico Aplicado a China y Argentina. **Transregiones – Universidad de Guadalajara**, v. 1, n. 1, p. 77-102, 2021.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Graduação e Educação Continuada
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: prograd@pucrs.br
Site: www.pucrs.br